

*Comissão
Maranhense
de Folclore*

*Boletim da Comissão Maranhense de Folclore - nº 30
ISSN - 1516-1781*

DEZEMBRO 2004

SUMÁRIO	Editorial	02
	Jamir e Donga	
	<i>João Batista Machado</i>	02
	O caráter suntuário da morte do boi da Maioba	
	<i>Isanda Canjão</i>	03
	Bumba-meu-boi em São Luís: massas, palcos e estratificação no São João de 2004	
	<i>Bruno Bezerra</i>	04
	O samba passeia em desta por São Luís	
	<i>Ronald Ericeira</i>	06
	João da Mara: rei caboclo e profeta de Cristo	
	<i>Mundicarmo Ferretti</i>	08
	Janela do Tempo – Domingos Vieira Filho	10
	Notícias	11
	Perfil Popular – Elzita Vieira Martins Coelho	
	<i>Éster Marques</i>	12

COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE - CMF

DIRETORIA Presidente: Sérgio Figueiredo Ferretti
Vice-presidente: Carlos Orlando de Lima
Secretária: Roza Maria Santos
Tesoureira: Maria Michol Pinho de Carvalho

CORRESPONDÊNCIA

CENTRO DE CULTURA POPULAR DOMINGOS VIEIRA FILHO
Rua do Giz (28 de Julho), 205/221 – Praia Grande
CEP 65.075-680 – São Luís – Maranhão
Fone: (098) 231-1557

As opiniões publicadas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não comprometendo a CMF.

CONSELHO EDITORIAL: Sérgio Figueiredo Ferretti
Carlos Orlando Rodrigues de Lima
Izaurina Maria de Azevedo Nunes
Maria Michol Pinho de Carvalho

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti
Zelinda Machado de Castro Lima
Roza Maria Santos

ENDEREÇO ELETRÔNICO: www.cmfolclore.ufma.br

Página 02

Editorial

É com grande alegria que chegamos ao número 30 do Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. Nossa Boletim foi iniciado em 1993 com um número anual no mês de agosto, até 1995. A partir de 1996, passamos a editar três números por ano, com uma tiragem de mil exemplares, dos quais cerca de trezentos são remetidos a interessados do Maranhão, de outros estados e do exterior e que pode também ser acessado pela Internet. O Boletim divulga artigos e notícias relacionadas com o folclore do Maranhão redigidos por membros da Comissão Maranhense de Folclore, por estudantes universitários de graduação e da pós-graduação, por estudiosos e interessados na cultura popular.

Neste número estamos divulgando um índice por assunto de todos os artigos publicados nos 30 números até hoje, indicando autor e número da publicação. Além da coluna Perfil Popular e da coluna Notícias, estamos iniciando uma nova coluna denominada Janela do Tempo, na qual pretendemos republicar artigos sobre folclore maranhense publicados em jornais ou livros antigos. Saem neste número artigos sobre o carnaval maranhense, sobre o bumba-meу-boi, sobre religiões afro-maranhenses e, dando continuidade a colaborações recebidas do interior do Estado, um texto do cronista e historiador codoense João Batista Machado.

Lembramos que em 2004 a Comissão Maranhense editou os Anais do 10º Congresso Maranhense de Folclore, realizado em São Luís em junho de 2002. Os Anais foram lançados no 11º Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Goiânia, em Outubro de 2004, e relançado em São Luís no dia 1º de dezembro. O volume dos Anais, com 443 páginas e 42 textos selecionados pela Comissão Editorial, está sendo vendido ao preço de R\$ 20,00. Possui trabalhos de especialistas e estudiosos de diferentes assuntos relacionados com as conferências, mesas redondas e grupos de trabalhos apresentados no Congresso. Trata-se de uma contribuição valiosa para os estudos de folclore no país.

Jamir e Donga

*João Batista Machado**

O NEGRO, ex-escravo Jamir, nascido na Costa da Mina chegou ao Brasil aos 8 anos de idade em companhia- de sua mãe, que logo faleceu, após haver sido leiloada e arrematada por um fazendeiro dono de extensas glebas de terras, que cultivava algodão.

* Cronista e historiador do município de Codó - MA.

Jamir criou-se na Casa Grande da fazenda. Enturrou-se, com os senhorzinhos, obteve aos 25 anos de idade a sua alforria, mas continuou na fazenda prestando serviços domésticos, de mensageiro, limpando móveis, vasculhando as dependências da Casa Grande e até mesmo servindo de guarda-costa ao seu ex-dono.

O negro "mineiro" era de caráter dócil, de bons hábitos e de costumes adquiridos na convivência com seus antigos senhores. Corpulento, de boa estatura física e namorador de escravas. Amava todas, mas não se entregava a nenhuma.

Resolveu um dia mudar para a vila de Codó que prosperava. Alugou uma pequena casa de poucos cômodos, o bastante para se abrigar, lá para as bandas da lagoa dos Pajeleiros. Usaria os seus conhecimentos de carpintaria para sobreviver. A vila estava crescendo, se desenvolvendo, com novas construções, vivendas senhoriais e o aparecimento de sítios, moradas dos homens endinheirados da vila. Ajudaria com a sua arte de carpintaria ao padre Cipriano Alves na construção da Igreja Matriz. Era o que pensava Jamir.

O vigário Cipriano Alves, rezando as suas sagradas missas, dava conselhos à comunidade, atingida pelo progresso veloz da vila. Combatia do alto do púlpito os novos costumes, impingidos pelo modernismo ao seu rebanho. Via-os como pecaminosos.

O "mineiro" estava pronto para exercer a sua profissão: confecção de móveis, portas, janelas das novas casas construídas, mas Jamir não era de ferro, gostava de um batuque e de um terecô. Não bebia água-ardente, gostava mesmo era de dançar com uma boa dançarina. Tinha as suas preferidas.

Aconteceu que indo aos festejos de São Sebastião, num sítio à beira do Codozinho, enamorou-se de uma jovem de cabelos longos e castanhos, ondulados, filha de um português com uma negra escrava de Angola, chamava-se Donga.

No fundo da mata de Codó morava uma bruxa com duas filhas paupérrimas em beleza física. Desdentadas, olhos vazados e possuíam um mau hálito constante, escorria da boca das bruxinhas uma baba pegajosa, que atraía moscas, besouros e outros insetos. Moças feias sem atrativos, moradoras em uma loca. Alimentavam-se de frutos do mato e caças apreendidas em arapucas. Exalavam mau cheiro.

A bruxa havia conhecido Jamir quando este tomava banho no rio Codozinho. Jurou aos espíritos da mata, das águas e das pedras que Jamir casaria com uma de suas filhas. Trabalharia neste sentido. Usaria os seus poderes de magia negra.

Freqüentando uma roda de tambor de crioula conheceu Constança, uma das filhas da bruxa. Enfeitou-se para impressionar Jamir, que não lhe deu atenção. Jamir que estava acompanhado de Donga divertiu-se bastante, dançou a punga, deu umbigadas na namorada, trocaram afagos e beijos. Constança renegada a plano inferior retirou-se da festa, os seus olhos vazados ficaram vermelhos de tanto chorar, via ao longe a silhueta hercúlea de Jamir.

A bruxa, mesmo assim, não desistiu das suas intenções casamenteiras.

Certo dia, passando pela Lagoa Negra, próxima à Água Fria, viu Donga. Aproximou-se e disse: "Bom dia, jovem, vais tomar banho nesta lagoa imunda? Sei de um lugar onde as águas são mais límpidas e frescas. Vem comigo".

Donga animou-se com o convite, deu o braço à bruxa amparando-a do pedregulho que dificulta o caminho. Chegando lá, lugar mais profundo da lagoa, num

movimento rápido, a bruxa jogou Donga naquelas águas escuras, impenetráveis à luz do sol. Bradando a seguinte maldição: "Com os poderes da magia negra virarás uma serpente asquerosa, venenosa e peçonhenta. Voltarás ao teu estado normal quando fores beijada, quebrarás, então o teu encantamento". No mesmo momento houve um grande estrondo nas profundezas das águas. Donga foi tragada por um grande redemoinho. A bruxa ria, soltava gargalhadas infernais. - Pronunciava palavras mágicas e maldições, tomou de sua vassoura voadora e foi embora soltando sons como uma gralha perseguida por um temido e carniceiro gavião. Chegando à caverna com ar de vencedora, narrou às filhas o acontecido. Riram muito da desgraça da jovem.

O desaparecimento inesperado de Donga foi muito comentado na vila, não havia indícios que orientasse a sua procura. Conjecturas e hipóteses eram das mais variadas. Codozinho, Itapicuru, Água Fria, Lagoa Negra, Morro do Cão e o Riacho Saco foram varridos e explorados na procura da moça. Exaustivo trabalho de encontrar Donga, pelo menos o cadáver, deu lugar à desistência. Jamir, ainda guardava esperança.

No verão a Lagoa Negra toma-se um ponto lamaçento cercado de palmeiras de babaçu, de buritis e de ingazeiras secas.

Os moradores das imediações da Lagoa fizeram uma vala até o riacho da Água Fria, no sentido de escoar aquela fedentina.

Donga, seguia a vala, ia à Água Fria a fim de se lavar da lama e lá permanecia até altas horas da noite, sentada numa grande pedra a se pentear e a cantar modinhas tristes. Neste momento tomava a forma humana. Retomava ao aspecto de asqueroso ofídio, com a aproximação de alguém. Desaparecia.

Em uma noite de belo luar, Donga se encontrava em cima da pedra redonda, e cantava as suas canções revestidas de uma tristeza langorosa. Nesta noite, Jamir vinha de uma festa no Alto da Fábrica, pensando no desaparecimento de sua amada e se preparava para atravessar as águas mornas do riacho. Ouviu uma voz maviosa que emitia sons de uma canção romântica. Aguçou os ouvidos, parou e procurou descobrir a dona de tão bela voz.

O vento farfalhava nas folhas das palmeiras e levava aquele canto a confundir-se com a serenata dolente das águas do riacho. A canção misteriosa continuava a enfeitar aquela noite de luar.

Jamir, intrigado, olhou para a grande pedra redonda, que se destacava das outras pela sua dimensão e formato. Admirado, viu que lá se encontrava a sua jovem namorada. O susto foi grande, deu um espetacular salto em direção à pedra. A jovem jogou-se nas águas, retirando-se do riacho, recolhendo-se como serpente ao lamaçal da Lagoa.

Jamir, desesperado, gritava o nome de sua amada. Consolava-o a certeza de que se encontrava viva. Sofrendo, talvez de algum encantamento maldoso.

Sabia que um dia tudo voltaria ao normal, o encanto seria quebrado. Depois de muito pensar, decidiu que ficaria de alcatéia todas as noites, no mesmo horário da aparição. E assim procedeu.

Noite de lua cheia. Céu estrelado, brisa amena no mês de abril. A lua parecia estática na imensidão da abóbada celestial.

Jamir tomou banho, trocou de roupa, perfumou-se e saiu levando a certeza de que a beleza radiosa daquela noite devolveria a sua Donga. Rumou para a Água Fria, cheio de esperança. Escondeu-se entre as árvores ouvidos atentos. Ficou admirando o balet dos peixinhos sobre as águas do riacho. Pareciam que executavam danças coreografadas pelos sons dos tambores do terecô de Dona Sinhá, que se localizava ali perto, mas sempre atento à pedra grande e redonda. Como uma aparição encantada, surgiu, dos seios das águas, a bela Donga. Sentou-se sobre a pedra e começou, à luz da lua, a cantar as suas melodias enredadas de histórias de princesas encantadas, presas na fuma de um dragão.

O negro "mineiro" deu um salto em direção à pedra. Jogou-se em cima de sua amada, que reagiu instintivamente àquela surpresa. Jamir enlaçou-a em seus braços beijando Donga. Metade serpente, metade gente, reconheceu seu amor. Deixou-se ficar presa nos

braços do homem amado.

As águas da Água Fria agitaram-se acompanhadas de um grande silvo. Subiram as ribanceiras e da pedra redonda saíram tufos de fumaça, formando figuras desconhecidas que se dissolviam na doce brisa que acariciava os cabelos de Donga. A pedra redonda, suspensa no espaço, numa autentica levitação se deslocara. Perdeu o equilíbrio e caiu nos lajeados lodosos transformando-se em pó.

Uma voz rouquenha dizia: "mataste-me, quebras-te os meus encantos". Nisto, apareceu uma serpente volumosa, inerte boiando rumo ao Itapicuru.

Jamir e Donga, estatificados diante do espetáculo inesperado, permaneciam unidos, abraçados, boquiabertos, assustados pelo que presenciavam.

Nesse momento, meia noite, hora grande nos terreiros de terecô, os atabaques batiam mais forte, a vibração dos guias eram maiores, os pontos dos "santos" evocados ecoavam no silêncio da noite. Entrelaçados, colados os corpos, conjugadas as almas, resolveram ir ao terreiro pedir proteção a Légua Bogi, o rei das matas de Codó. Após pedir a bênção aos "santos" afros arriados em seus "cavalos", o céu revestiu-se de nuvens escuras, prenunciando um grande temporal. Relâmpagos alumiam a escuridão da noite, um grande trovão amedrontou ainda mais os participantes da seita afro-brasileira. Os "santos" subiram deixando os seus "cavalos" atônitos e apavorados. No céu apareceu uma mancha de fogo atravessada pela vassoura da bruxa.

Dona Sinhá reuniu os "cavalos" e depois de uma longa explanação pediu que atabaqueiros batessem os atabaques com mais firmeza e fé, a fim de chamar de volta os orixás.

As notícias, as últimas, de Jamir e Donga, são escassas. Sabe-se, no entanto, que residiram em Benin. Jamir virou empresário, montou uma fábrica de móveis. Encheu a casa de filhos. Donga tornou-se uma mãe carinhosa. Nada mais é do nosso conhecimento. Salve os novos agudás.

Página 03

O caráter suntuário da morte do boi da Maioba

*Isanda Canjão **

Este trabalho é resultado de minhas observações de campo junto ao grupo de bumba-meu-boi da Maioba, que venho acompanhando desde final dos anos 90. O aspecto que analisarei trata da suntuosidade daquela festa, ou seja, a morte do boi expressa as feições fascinantes de que o bumba, em todas as etapas rituais que o constituem, é deslumbramento, fartura e abundância.

A morte do boi marca a última etapa do ciclo do folgado. A cerimônia se elabora como mito cílico que manifesta o recomeço de um tempo, a regeneração periódica de sua contingente fluidez. É um ritual que, tal qual os símbolos cílicos apresentados por Gilbert Durand (1997), opera sobre a própria substância do tempo “domesticando o devir” (281). Enquanto modalidade antitética vida e morte traz a renovação pelo sacrifício. Dessa forma, a morte do boi manifesta a vida em contínuo movimento.

A exaltação de uma festa grandiosa. A morte do boi constitui-se como o momento último em que o brincante acompanha o cortejo de seu grupo. O boieiro que esteve presente durante todo o festejo junino, entre lágrimas, acompanhará o ritual até seu momento final. Em estado de vigília participará novamente da mesma *performance*: o momento da morte deve ser

* Mestre em Antropologia.

presenciado com a mesma pompa, com a intensa grandiosidade que permeia todo o ciclo do folguedo.

A noite da morte do boi funciona como um momento de boa convivência. O terreiro anfitrião recebe a visita de alguns cantadores de outros grupos, que são convidados para apreciar o ritual. Entretanto, devido às várias contendas que existem entre os bois de São Luís, essa visita é bastante limitada, porém quem se faz presente presta sua homenagem tirando, na hora, alguma música que pode tratar de assuntos diversos, mas geralmente exaltando o “dono da casa”.

Por ocasião da morte do Boi da Maioba de 2001, por exemplo, a visita mais aspirada pelos maiobeiros, a mais ilustre, foi do cantador de Boi do Maracanã, Humberto. Após consecutivas tentativas e convites realizados, finalmente o amo de um importante grupo - que de acordo com os maiobeiros é considerado um dos maiores “contrários” (adversários) da Maioba - se fez presente. Um acontecimento honroso, que foi proclamado com intenso contentamento.

Humberto de Maracanã faz parte de um dos grupos de boi que se diz mais tradicional de São Luís. Através de suas toadas tornou-se um grande questionador das inovações implementadas no Boi da Maioba. É também uma suma autoridade em críticas pessoais ao seu cantador – Francisco Chagas - através dos diálogos travados nas músicas¹. Sua presença - a primeira visita em 10 anos - simbolizava o reconhecimento e respeito pela Maioba que sempre esteve sob seu julgamento, sendo desprestigiada por acusações que procuravam deslegitimá-la como um boi, digamos assim, tradicional; uma caracterização que faz parte da “competição” entre os grupos².

“Cheguei e salvei trincheira nova / os índios flechadores eu vou saudar / Maracanã não pode vir / mas me mandou para te abraçar ...”. (saudação de Humberto).

Após prestar sua homenagem à Maioba, proferindo-lhe a toada acima, Humberto foi avidamente aplaudido com o som de matracas, uma forma bastante comum de ovacionar e aclamar os sujeitos no universo do bumba. Sua visita ao terreiro da Maioba foi especial e teve um caráter de serenar e abrandar prováveis conflitos existentes entre os dois grupos de boi, que presenciam os ânimos exaltarem-se por ocasião das apresentações onde cada brincante transforma-se num guerreiro a defender sua trincheira.

Vale ressaltar, que a ocasião do ritual de morte de outros grupos é um momento de retribuição:

“... E ai para dar o retorno ao Humberto, a ele e à comunidade do Maracanã eu disse que ia na morte do boi deles (...) Ai resultado: eu tive que chegar lá na morte do Boi do Maracanã diferente. Nós fomos lá em peso, demos um retorno a altura. Eu disse: eu não apenas vou, eu vou de outra forma, diferente; ai conversei com os meus diretores e decidimos levar um bolo e o maior número de maiobeiros possível, diga-se de passagem que o Humberto ficou emocionado, disse que não precisava aquilo, me abraçou, chamou pra dividir o bolo, me deu o

¹Segundo o cantador da Maioba, há 10 anos houve o início de uma rixa entre os dois cantadores. Humberto fora acusado, através de uma toada composta por Francisco Chagas, de desviar uma certa quantia em dinheiro destinada aos grupos de boi, pela Câmara de Vereadores. A acusação teve ameaça de processo.

²De acordo com a Comissão Maranhense de Folclore, existem em todo o Maranhão mais de cem grupos de bumba-boi registrados, sendo que, em São Luís, concentra-se mais da metade deles. Nesse contexto, observa-se, na Ilha, que há uma “competição” ou polêmica centrada entre três grupos de boi: São José de Ribamar, Maracanã e Maioba, no que diz respeito ao grupo que é mais tradicional, e em relação aos seus três cantadores, relativo a qual será o melhor – Humberto, do Boi de Maracanã; Chagas, do Boi da Maioba; e João Chiador, do Boi de São José de Ribamar. Entre eles se estabelece uma maior intriga presente, por exemplo, nas toadas que um cantador “troca” com o outro. São conhecidos como as “três fortalezas” do bumba-boi, os que mais são referenciados em discussões gerais pela cidade.

primeiro pedaço (...) coisas assim, foi muito bonito tudo lá em público” (Sr. José Inaldo,).

Um dom, uma visita que contém intrínseca sua contraprestação. A morte do boi é um momento de confraternização, mas também uma ocasião propícia para se observar a rivalidade naquele universo, onde os sujeitos vêem-se constrangidos a ultrapassar-se mutuamente. Os grupos se relacionam rivalizando, a imagem de grandeza que procuram expressar constitui-se ainda em um dispositivo afirmativo de identidade. Demarcando território, cada boi articula sinais rituais de dominação e prestígio:

“Quando um boi vai em outro terreiro fica mais forte. É por causa da rivalidade entre os grupos. Se o Boi de Maracanã viesse brincar aqui eles iam fazer a mesma coisa: chegar com aquela garra pra mostrar que é bom. Assim a Maioba fez lá no Maracanã. Foi pra fazer bonito. Quando se soube que ia lá, a gente foi com aquela garra porque ia numa terra de contrário. Tem essa coisa, ninguém quer perder” (Francisco Chagas).

Essa forma de engendramento do social fica bem enfatizada em Marcel Mauss que, em seu belo trabalho, nos instrui: “toda transação tem um aspecto suntuário, de verdadeiro esbanjamento”. Pode-se dizer, mesmo, “um caráter de desforra” (Mauss, 1999: 357). Tal elemento, no universo do bumba, é evidenciado como uma tentativa dramática de cada boi se fazer sobressair, uma rivalidade que se dá pelo esmero da festa e pelo cortejo que acompanha o boi, entre outros elementos que o constituem.

Nesses termos, no caso específico do Boi da Maioba, pode-se citar o ritual da morte do boi como mais um aspecto simbólico de suntuosidade e que expressa o fato de que a Maioba procura qualificar-se como grupo melhor. Na realidade, uma festa com a duração de oito dias reveste-se de grande suntuosidade:

“Eu sempre digo que a Maioba é melhor em tudo. No tempo da morte do boi, por exemplo, em todos os 8 dias temos café, almoço, jantar, pra quem tiver aí. Na Ilha não tem ninguém que faça uma festa desse tamanho, só a Maioba. Todo mundo comenta, a gente só faz porque botou no peito. São João ajuda e todos os santos ajudam porque senão...” (Sr. Ribinha).

De fato, a morte do Boi da Maioba é bastante divulgada e destacada em São Luís e o objetivo implícito que se prescreve com aquela manifestação, com o agrupamento de pessoas, é o prolongamento dos esbanjamentos.

Uma qualidade de exacerbação que permeia um princípio de identificação em torno da Maioba, todos os dias, durante o período da morte, no início da tarde, uma imensa radiola é ligada, alardeando sua música animada por toda a sede do boi. No turno da noite, assiste-se a várias manifestações populares, grupos de dança, de tambor de crioula, apresentação de algum outro grupo de boi que ainda não realizou sua morte, show com cantores da terra e seresta, entre outros. Tudo é realizado com grande animação e empolgação para exibir-se da forma mais extravagante.

“Eu digo hoje que a morte do boi vai estar no calendário turístico da cidade porque o maior evento cultural desenvolvido no bairro, num viveiro de bumba boi é feito pela Maioba. Sem um pingo de dúvida, sem medo de errar, o que eu estou falando, a maior concentração cultural em um viveiro de bumba boi só acontece na morte do Boi da Maioba” (Sr. José Inaldo).

Portanto, a anunciação de um festejo que se prolonga por uma semana apresenta-se com um caráter de grandiosidade, na medida em que a Maioba é o único boi que tem aquele ritual comemorado com tanta duração. Essa qualidade, mais uma vez, expressa a tentativa do

grupo de se fazer sobressair, traduz a característica bastante evidente em São Luís de que bumba-meu-boi é confrontamento como pode-se constatar:

“Nós não temos contrário, nós temos co-irmãos, mas a maioria deles nos vêem como adversário...por que? Em função dessa diferença de batalhão. Maioba desde que me entendi já ostentava essa fortaleza, esse poderio, esse batalhão e tal; e sempre tem alguém pra tentar justificar que não é, que melhor é fulano, mas ela sempre foi tida como um dos melhores batalhões e nunca engoliram isso (...) Mas a cada ano aumenta o número de brincantes e nós temos que fazer sempre por isso” (Sr. José Inaldo).

Entretanto, o conflito que existe dentro do bumba-boi não se dá como uma competição regulamentada ou oficial³, mas se expressa numa simbologia bastante significativa. Em noções bem específicas, verifica-se um sistema de prestações nos termos de Marcel Mauss (1999), que, entre seus elementos fundamentais, destaca um caráter suntuário, agonístico, uma oposição, uma disputa uma troca, um contrato. O que se opera no universo do bumba-boi é uma rivalização entre grupos que têm seu fundamento na idéia de diferenciação e busca de uma condição de prestígio. Tudo se constitui e se torna patente como condição de grandiosidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
 MAUSS, Marcel. *Ensaios de Sociologia*. São Paulo, Perspectiva, 1974.

Página 04 e 05

Bumba-meu-boi em São Luís: massas, palcos e estratificação no São João de 2004

*Bruno Bezerra**

O bumba-meu-boi é uma manifestação importante da cultura maranhense. Recentemente o poder público estadual vem dando uma ênfase significativa nas manifestações da cultura popular maranhense, tendo em vista, sobretudo, o desenvolvimento do turismo no Estado. O autor como maranhense, nascido e criado em São Luís, se sente a vontade para afirmar que o bumba-meu-boi vem cumprindo, muito bem, o seu papel de principal manifestação da cultura popular maranhense. Nos arraiais, nas conversas entre amigos, nos programas de rádio e TV, na música dos bares e dos carros que transitam pela cidade, em qualquer lugar que se vá, no mês de junho, o boi vai estar lá mostrando sua alegria e contagiando o povo.

No entanto, algumas especificidades relativas ao São João de 2004 chamaram-me particularmente a atenção para a forma que essa manifestação vem assumindo nos tempos atuais. Nesse ponto, coloco-me aqui a prestar algumas provocações aos produtores culturais,

³Ao falar em competição oficial, quero retratar a idéia de que em torno do bumba-meu-boi as tentativas iniciadas pelo Estado, ou por outros órgãos, de realizar concurso ou competições oficiais relativas a qualquer elemento ou aspecto circunscrito naquele universo estiveram fadadas ao descaso da população, não sendo muito valorizadas, ficando evidente um certo esvaziamento das pessoas.

* Cientista Social

classes políticas e pessoas em geral envolvidas com o universo do bumba-meu-boi em São Luís. As provocações se devem à constatação de uma forte estratificação social na cidade que se faz sentir presente, também, na produção anual do bumba-boi.

O sociólogo Max Weber sugere que ciência e política são duas vocações distintas, no entanto, proponho-me, aqui, também, a transitar por esses dois campos, ora tendendo a uma observação, digamos, mais sistemática dos fatos sociais (exercitando o ofício de sociólogo), ora tomando partido dentro do campo folclórico ao defender abertamente o Boi da Maioba (exercendo as prerrogativas de me considerar maiobeiro). Os motivos de tal defesa espero que o leitor confira ao longo do texto.

O programa de incentivo ao turismo no estado do Maranhão parece que vai dando resultados a se contar pelo número expressivo de turistas que transitavam pelas ruas e pelos arraiais espalhados pela Ilha de Upaon-Açu. Programas jornalísticos foram realizados pelas mais diversas emissoras de TV do país com divulgação em todo o território nacional.

Diversas manifestações culturais de ilha de São Luís se apresentavam incessantemente nos arraiais espalhados pela ilha. Como de costume, os arraiais foram divididos pelos grupos político-econômicos que dominam a vida econômica da cidade. As empresas de comunicação divulgam, cada uma, seu respectivo grupo de sustentação que, pelo que parece, é dividido dentre os beneficiários de cargos públicos e/ou de confiança dos mais altos escalões da administração pública estadual e federal no Estado. A esse respeito o cientista político Flávio Reis (1992) faz considerações que mostram a gênese desse processo de intermediação de interesses na política local:

"trabalhamos com a idéia geral de que a formação do Estado não pode ser dissociada da gestação de um grupo responsável pela organização e pelo exercício do poder político. Entretanto, se a configuração do âmbito político-administrativo é um componente de qualquer processo de construção do Estado, a forma através da qual esse âmbito se constitui (...) é um dado de fundamental importância para o tipo de resultante da relação entre representação política e Estado. (...) Isso pode entender-se pela propagação de uma prática clientelista utilizada pela 'classe política' em gestação para conseguir a sustentação de gabinetes ministeriais e administração provinciais. (...) Na esfera regional os novos políticos efetuaram a troca de nomeações, verbas e favores pelo apoio dos núcleos de poder municipais. (...) Na esfera nacional, os líderes regionais estabeleciam o vínculo entre a província e o governo central numa relação que envolvia o acesso a cargos federais, o trânsito junto à burocracia dos ministérios e ocasionais auxílios financeiros." (REIS, 1992, 32-34)

Além disso, E. Durkheim, ao analisar a passagem de uma forma de solidariedade social mecânica para uma orgânica⁴, observa a origem ideal das castas e classes sociais.

"De maneira geral as classes e as castas não tem provavelmente outra origem nem outra natureza: elas resultam da mistura da organização profissional nascente com a organização familiar pré-existente." (Durkheim, 1999, 91)

É preciso situar o autor no contexto histórico da França do século XIX, mas suas análises contêm uma abrangência significativa para se pensar a gênese do processo de estratificação social na cidade de São Luís. À situação que nos propomos a analisar cabe apenas à ressalva de que Durkheim via na dissolução da organização familiar (representado pela solidariedade mecânica) a condição de desenvolvimento da nascente organização profissional (representado pela solidariedade orgânica) e a consequente divisão do trabalho

⁴ Conceitos propostos em sua obra *A Divisão do Trabalho Social* citado da coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 1, que trata do autor.

que geraria o desenvolvimento industrial. No caso maranhense, esses dois tipos de solidariedade coexistem um entravando o desenvolvimento do outro.⁵

Retornando ao contexto histórico, presente observa-se que os grupos, as associações folclóricas que promovem o bumba-meu-boi e os produtores de arraiais também são produto de uma estratificação social e promovem cada um sua respectiva programação anual⁶. Os que se beneficiam das vantagens do apadrinhamento político vêm com bom grado os investimentos de seis milhões de reais (R\$ 6.000.000,00) que Governo Estadual vem realizando todo ano para incentivar as manifestações folclóricas do Estado.

Além das relações entre os setores políticos e os produtores culturais, vale a pena chamar a atenção para uma característica importante que o bumba-meu-boi vem ganhando nos tempos atuais, a saber, os elementos que constituem o referido folguedo como uma manifestação da cultura de massas. Massas no sentido que Michel Maffesoli confere ao termo em seu livro *O Tempo das Tribos*. (1989). O bumba-meu-boi promove verdadeiros arrastões pela cidade, conduzindo centenas de brincantes de arraial em arraial com caminhões e ônibus lotados, regados a cachaça (leia-se conhaque) e diversão. Quando se fala em massa aqui, não se está falando em qualquer motivação racional ou ideológica para participar dela. O movimento ocorre de acordo com a intensidade do arrastão promovido pelo boi. Dentro dessa lógica é que fui chamado a atenção, por ocasião da inauguração do Memorial Maria Aragão, de que o boi da Maioba estava parecendo torcida do Flamengo, no que se refere à quantidade de pessoas que o acompanham.

A questão é boa e me despertou a curiosidade quanto ao fato de que realmente ocorria um arrastão de grandes proporções toda vez que o Boi da Maioba se deslocava de um arraial para o outro. Cabe apenas duas pequenas considerações a esse respeito: 1º) a abordagem que estou propondo, por ora, é de entender a manifestação Bumba-meu-boi como um produto da chamada cultura de massas e, nesse sentido, as massas confluem suas forças para onde há maior chance dela se auto-exaltar como força suprema. Nesse caso, as massas convertem suas energias para o arrastão do *batalhão pesado*⁷ do bumba-meu-boi da Maioba. Se os outros batalhões não têm essa capacidade mobilizadora é problema deles. 2º) lembrei meu colega que existe uma sutil diferença entre pensar ser do Boi da Maioba, só pelo fato de estar acompanhando o boi em determinado momento, e ser maiobeiro de fato⁸.

O fato do Boi da Maioba promover esse espetáculo das massas talvez não deva ser pensado pejorativamente, já que os outros batalhões da ilha de São Luís mal conseguem reunir seus mataqueiros e pandeireiros (cita-se a apresentação do Boi de Ribamar abaixo comentada). Portanto, não é nenhuma incongruência afirmar que o Boi da Maioba se configura, na atual conjuntura, como o maior batalhão de bumba-meu-boi da ilha de São Luís. O Boi da Madre-Deus parece estar começando a dar sinais de suspiro, depois de uma longa

⁵ As relações entre os estratos sociais da cidade de São Luís e os produtores culturais da mesma precisam de estudo mais sistemático, estudo esse que pretendo realizar por ocasião de um mestrado.

⁶ Utilizando os arraiais como exemplo cito o “Arraial do Maranhão” organizado pelo Sistema Mirante de Comunicação, de propriedade da família Sarney; o “arraial da Lagoa”, que esse ano foi organizado pela Secretaria de Solidariedade Humana que tem à frente a primeira-dama Alexandra Tavares, e a estrutura montada na recém construída Av. Roseana Sarney, que ficou sob os cuidados do grupo Difusora de Comunicação, de propriedade da família Lobão.

⁷ Por batalhão pesado estou designando o grupo de Bumba-boi que consegue mobilizar um maior número de mataqueiros e pandeireiros, número esse refletido na quantidade de ônibus e caminhões que acompanham determinado boi. É preciso ter em mente, porém, que essa categoria precisa ser melhor discutida, levando-se em conta a história e a tradição de cada um dos considerados grandes grupos de bumba-boi da cidade. É preciso, também, observar o que a categoria nativa *batalhão pesado* tem a nos dizer. Analisando o que os produtores envolvidos na produção do bumba-boi dizem a respeito dessa categoria, podemos ter um campo mais seguro de análise e discussão.

⁸ Isso também não exclui a hipótese de que o próprio fato de ser maiobeiro não seja uma construção histórico-social, característica da sociedade maranhense em determinado momento, portanto desvincilhada de qualquer essencialismo que faz querer ver no fato de ser maiobeiro uma essência ontológica.

crise provocada, em parte, pela falta de uma liderança capaz de mobilizar seu batalhão.⁹ Esse ano o referido boi promoveu um arrastão mais condizente com sua categoria de *batalhão pesado*. Coisa diferente do Boi de Ribamar, também considerado pesado, mas que, numa apresentação no arraial organizado pela Prefeitura nos arredores do Memorial Maria Aragão, promoveu uma desastrosa apresentação para quem é considerado pesado. A se contar pelo fato desse batalhão ser comandado por ninguém menos que João Chiador, para alguns o maior amo que essa ilha já produziu, e o fato desse boi se apresentar com cerca de umas quinze índias, dez caboclos de penas, alguns matraqueiros e pandeireiros, sendo o batalhão todo transportado em cerca de cinco ônibus, o boi de São José de Ribamar está muito aquém das expectativas.

A questão dos batalhões merece mais atenção. Ainda por ocasião da inauguração do Memorial Maria Aragão (em pleno dia de São João, 24 de junho) estavam agendados os shows do cantor Zeca Baleiro e o *encontro dos batalhões pesados* da Maioba e de Maracanã. Zeca cumpriu seu papel promovendo um show redondo, sem erros. Parece que ele evolui a cada dia. Pena que tenhamos de esperar longas datas para vê-lo ao vivo. Em seguida, se apresentou o Boi de Maracanã cujo cantador Humberto já havia feito uma participação no fim do show do Zeca Baleiro. O público espera ansioso pelo divulgado encontro dos batalhões, só que não havia nem sinal do Boi da Maioba por perto. Para minha surpresa, Humberto convoca seu ‘batalhão’ para subir ao palco. Penso que é para uma rápida apresentação de toadas com Zeca para depois guarnicê seu batalhão junto ao povo. Mas que nada! O Boi de Maracanã ia se apresentar mesmo em cima do palco com batalhão e tudo! Nada contra palcos, mas o espaço reduzido do palco deixa dúvidas quanto ao fato do batalhão de Maracanã ser realmente um Batalhão pesado. Reuniram-se, então, índias, vaqueiros, caboclos de pena, rajados, os bois, a burrinha, matraqueiros, pandeireiros e o cantador.

Do fato acima descrito decorrem duas possíveis conclusões: ou o Boi de Maracanã estabeleceu um contrato com a organização do evento para se apresentar em cima de um palco, dando mostras de estrelismos, ou seu batalhão é realmente “*tão pesado*” que chega a caber todo ele em cima de um palco de médias proporções.

Enquanto isso, nem sinal do Boi da Maioba que já deixava o parte do público apreensivo. O bumba-meу-boi de Maracanã termina sua apresentação e deixa o local. Alguns ensaiam gritos dizendo “*não deixa esse boizinho fugir da Maioba!!!*”. Este, por sua vez, estava cumprindo uma lotada agenda de apresentações que cobrem os quatro cantos da ilha: do Maiobão à Lagoa da Jansen, do Cohajap ao Ceprama, passando pela Vila Nova. Antes de vir para o memorial Maria Aragão, o boi estava se apresentando no arraial do Renascença. Depois de aproximadamente uma hora, o Boi da Maioba chega com seus caminhões e ônibus lotados, carros particulares e uma atmosfera de arrastão de bumba-meу-boi.

Como era de se esperar, o Boi da Maioba se apresenta junto ao povo onde é o seu lugar. Quando o presidente do Boi, Sr. Zé Inaldo, fica sabendo do que aconteceu na apresentação do Boi de Maracanã diz que *pra Maioba não tem palco não!! O boi se apresenta junto ao povo!* Em questão de minutos o local da apresentação, que já começara a ficar vazio, volta a lotar com a presença do batalhão pesado, esse sim, da Maioba.

Esse episódio aparentemente isolado pode ser revelador do caráter atual que o bumba-meу-boi vem tomando nos tempos atuais. A manifestação bumba-meу-boi foi uma invenção dos segmentos populares da sociedade maranhense. Feito por pessoas da zona rural de São Luís, lavradores, pedreiros, carpinteiros, trabalhadores braçais, enfim, caboclos, no dizer popular. Esse termo é interessante por que revela que existem outros sentidos a que este possa se revestir. A saber o étnico, formado a partir da mistura dos segmentos raciais da sociedade brasileira, e religioso, formado por entidades espirituais que passaram a ter uma existência depois da vinda de escravos africanos para o Brasil. O estudo da semântica do

⁹ A respeito do Boi da Madre Deus e sua crise de liderança ver Sanches (1996) *Capricho do povo: uma análise do boi da Madre-Deus*.

significante caboclo merece mais atenção, pois pode revelar aspectos importantes da cultura e religiosidade do povo maranhense.

Que o Boi continue a brincar junto ao povo! Que os caboclos sejam eles quem for, continuem a ser os protagonistas da festa! O bumba-meu-boi terá sua permanência e vitalidade assegurada se a fonte de sua pujança continuar a emanar daqueles que promovem a brincadeira pelo puro prazer de realizá-la, seja em homenagem a São João, em memória de pai Francisco, ou mesmo pelo movimento incessante e vertiginoso das massas.

O caráter provinciano das relações sociais na sociedade maranhense parece ter eco até mesmo nos confins de uma das mais altas expressões da cultura maranhense. As elites políticas parecem não cansar de buscar novas fontes de legitimação de sua dominação secular, seja através da arte erudita, ou agora, nos mecanismos de reinvenção da hegemonia política através da cultura popular. É preciso que os diretores e presidentes dos grupos de bumba-boi estejam atentos a esse pequeno detalhe ao fazerem suas brincadeiras cantar e dançar alegremente pelas ruas de São Luís.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- DURKHEIM, Émile. **A Divisão do trabalho social**. In: Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Editora Ática, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo na sociedade de massas**. São Paulo: Ed. Forense, 1989.
- REIS, Flávio Antônio Moura. **Grupos políticos e estrutura oligárquica no Maranhão (1850/1930)**. Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP, 1997
- SANCHES, Abmalena Santos. **Capricho do povo: estudos sobre o Bumba-meu-boi da Madre-Deus**. São Luís, (monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da UFMA), 1997, UFMA.
- WEBER, Max. **Ensaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 5º Ed., 1982.

Página 06 e 07

O samba passeia em festa por São Luís

*Ronald Ericeira**

A literatura antropológica comumente aponta que os rituais falam. Eles revelariam coisas das pessoas e das estruturas sociais neles envolvidas. Em se tratando das particularidades dos processos rituais de um desfile de escola de samba, CAVALCANTI (1995) sugere que a apreciação analítica desses cortejos permite desvelar tensões e conflitos das cidades que os realizam. Na sua acepção, a expressividade simbólica desses desfiles é marcada pela tensão entre a dimensão ‘visual’ e a ‘musical’. A primeira materializa-se em adereços, fantasias e carros alegóricos, enquanto a segunda consubstancia-se como um texto oral, cujos significantes são cantados na avenida pelos componentes das agremiações. Trata-se do samba-enredo, artefato lingüístico, confeccionado através de recursos estilísticos e poéticos, e sempre versando sobre uma temática específica.

Nesse sentido, procuro apreender algumas formas pelas quais a cidade de São Luís foi cantada pelas suas escolas de samba¹⁰. Não pretendo esgotar essa discussão, nem me estender em décadas ou anos específicos. Circunscrevo este trabalho a uma análise antropológica das músicas presentes no disco intitulado ‘Carnaval do Maranhão século XX:

* Mestrando em Ciências Sociais – UFMA.

¹⁰ Um histórico sobre a evolução dos sambas-enredo em São Luís por si só renderia um extenso trabalho de investigação. À guisa de informação, esse gênero musical se consolida em 1974, juntamente com a oficialização dos desfiles de avenida.

samba-enredo', patrocinado por um jornal local e com apoio do governo estadual e prefeitura municipal. Na época de seu lançamento, a referida obra fonográfica foi alardeada como uma antologia dos melhores sambas-enredo de todos os tempos, pois seus produtores teriam selecionado os sambas que, em parte, foram campeões com suas respectivas agremiações e, por conseguinte, deveriam ter feito sucesso em carnavais do passado.

Cabe assinalar que AUGRAS (1998) realizou um minucioso trabalho sobre as diversas concepções de Brasil que as escolas de samba cariocas manifestavam em suas composições musicais. Sua ferramenta de investigação foi a observação de conteúdos das letras dos sambas, agrupando as palavras conforme suas recorrência e freqüência. Nessa perspectiva, sinalizou que havia uma significativa predominância de temas dedicados a exaltar o passado do país. Esse ufanismo apologético espalhava-se na glorificação de vultos imortais, em nossas efemérides, riquezas naturais e culturais do povo brasileiro. Proponho um exame menos pretensioso, em termos quantitativos, dos sambas-enredo ludovicenses, atendo-me ao entendimento de seu conteúdo sócio-antropológico. Em outras palavras, vislumbro rastrear como as temáticas desses sambas se inserem socialmente e revelam fatos e aspectos do contexto cultural maior da cidade, pois como sugere GEERTZ (1989), a cultura é um texto a ser interpretado pelo etnógrafo.

Desse modo, não foi raro encontrar, nas letras dos sambas-enredo analisados, termos alusivos à consagração da cidade: louvação, exaltação, sublime e saudação foram palavras bastante empregadas. Ora concerniam à beleza arquitetônica citadina, onde em suas *ruas e ladeiras, o poeta sabia via a poesia azul da sua inspiração*¹¹. Ora aludiam ao *passado secular* da cidade que se atualiza nos cantos e contos populares. Localidades do perímetro urbano ludovicense também foram reverenciadas. Exemplo, aponta-se o bairro do Maracanã¹² que fica *mais bonito* no mês de outubro e onde se come a “*gostosa pretinha com farinha até se lambuzar*”; mas sobretudo é enaltecida sua beleza física, onde acontece a *festa da natureza*, assim como se destaca o caráter congregador desse evento social, pois possibilita a *festança da meninada*.

Esse samba sobre a juçara, além de mencionar uma comemoração do calendário festivo da cidade, ainda presta um favor antropológico ao revelar as formas e os tabus locais que cercam os hábitos de comer essa fruta: ‘*juçara na cuia/ na tigela ou no prato /no fraco o suor bateu na fraqueza de quem come só no caco/ e corre o dito nas moitas do juçaral: ela não combina com cachaça/ e com manga, dizem que faz mal*’. Um outro bairro ludovicense exaltado nas letras investigadas é a Madre Deus, visto como esplendoroso por meio de hipérboles. Nesse samba¹³, ele é chamado de “*Madre Divina*”, *mãe senhora do lugar, linda flor, berço de vida, e sonho de canto de infinito amor*. Essa sublime matriarca também teria contribuído com a cultura popular ao impor-lhe a arte. E ao abençoar sua maior riqueza, seu filho ‘Turma do Quinto’, o bairro carregaria a multidão, libertaria sua nação pela poesia da sua escola de samba. Aqui, há uma total homologia entre a agremiação e a população citadina, uma vez que “*Quinto é povo, o povo é Quinto*”.

É importante destacar que duas temáticas se sobressaem nas letras de sambas apreciados, quais sejam: as festividades e a religiosidade da cidade. Isso veio mostrar que suas glórias e a riqueza não estão apenas nos seus mirantes, sobradões ou nos encantamentos aprazíveis de seus bairros, pois “*Haja Deus quanta beleza/ são festejos e motivos da cultura popular*”. Cabe questionar o porquê das temáticas festas e religião terem sido tão recorrentes no material analisado. No que concerne às primeiras, ARAÚJO (2001) sugere que São Luís é uma ilha festeira por possuir uma inclinação, durante todo o ano, para celebrar e comemorar a saída da rotina ordinária do trabalho. Ao se referirem às festas, os sambas entram na dimensão imaginária do homem, em um mundo colorido, pleno de conteúdos oníricos e apartado da realidade.

¹¹ Favela do Samba1980- São Luis de magia, mistérios e glória.

¹² Unidos de Fátima 1984- Juçara (fruta também conhecida como açaí).

¹³ Turma do Quinto 1984- Sublime mãe senhora.

Assim, quando se está em festa, se está no país da brincadeira¹⁴, onde a razão é colocada de lado, brinca-se, planta-se ilusão e deixa-se explodir o coração. Como afirma a letra do samba, os sonhos não trazem mais os divertimentos do passado, por outro lado, esse samba, em si mesmo, realiza um trabalho arqueológico de representativa relevância cultural, ao extrair dos subterrâneos da memória coletiva da cidade os tipos de brincadeira que alegravam as antigas gerações. Nesse sentido, encontro citações de: canção, papagaio, pata cega, pião, carrossel de madeira, ‘anjo bem’, bola de meia, ‘passa, passa gavião’, chicotinho queimado, boca de forno, entre outros. Todavia, para se brincar, é necessário pedir a benção a São José de Ribamar, rogando que ele dê força para trabalhar e participar da festa. Afinal, ‘são três dias de sonhos para sonhar/ na quarta-feira é preciso acorda[...]/ e para fazer a fantasia/ é preciso ir a luta pelo pão de cada dia/ e no dia-a-dia qualquer dia vamos vencer/ na avenida lutando com a vida para sobreviver’¹⁵.

Nesse samba, são desvelados os ciclos cósmicos de maneira dicotômica entre festa/trabalho e carnaval/realidade. Durante todo o ano, vive-se alternadamente de sonho e suor até cansar. *Pescadores, operários, cantores* se extenuam ao laborar, pautados no afã de guardar dinheiro para confeccionar suas indumentárias carnavalescas. Mas o sonho de carnaval, apesar de efêmero, também fatiga, pois, como aponta AMARAL (1998), festa é sacrifício, às vezes, do próprio corpo. Ao tratar dos festejos momescos, são exaltados tanto seus personagens históricos quanto o fato de ser a celebração mais significativa da cidade. “Carnaval é a festa maior/ tem colombina, tem dominó/ no jogo do baralho quem se espanta é o fofoão/ chegou cruz-diabo com sua lança mão”¹⁶. Este folguedo também se dilui de forma individualizada em todo ludovicense, pois “cada um de nós tem um carnaval dentro do peito.”¹⁷

Em termos de festas locais, as letras dos sambas ainda destacavam o ‘tambor de crioula na avenida a tocar e a negra velha sai dançando o pungá’¹⁸, da mesma forma se encontram menções ao período joanino, em que ‘o amo canta uma toada no guarnicê, matraca toca/ e o boi dançando até o amanhecer... meu boi-bumbá, bumba-meboi/ meu cazumbá onde é que foi?’¹⁹. No entanto, São Luís, como citado anteriormente, também é a ilha das festas religiosas, entre elas as comemorações de São Gonçalo e do Divino Espírito Santo: ‘Salve o Divino/ bate caixeira, aué²⁰; ; Salve o Divino/ meu imperador/ ao som das caixas pedindo esmola e amor²¹. Entre os versos referentes às religiões locais, ocorre uma preponderância aos cultos de dois terreiros: Casa de Nagô e Casa das Minas.

Nesse aspecto, a assertiva do poeta de que São Luís dorme ao som dos tambores não é em vão. Conforme apontam FERRETTI e FERRETTI (1999), os terreiros supracitados são os mais antigos do Maranhão e influenciaram diretamente os repertórios, os cânticos e as danças das diversas variações regionais das religiões de origem africana. Mesmo com pouca penetração na cidade, o candomblé também foi lembrado em um dos sambas examinados. Nessa composição²², o negro é protegido pelo orixá Xangô que vem das pedras dos raios para lhe abençoar e que quando a poeira sobe no terreiro, são os atabaques lamentando ‘os sofrimentos de uma raça submissa pela cor’. Passeando pelas letras do samba ‘Daomé’²³, pode-se compreender tanto o papel sociológico da Casa das Minas quanto desvelar alguns elementos de sua cosmogonia.

¹⁴ Favela do Samba 1979- País da brincadeira.

¹⁵ Pirata do Samba- 1981- 365 dias de suor e sonho.

¹⁶ Flor do Samba- 1979-

¹⁷ Turma do Quinto,- 1980

¹⁸ Flor do Samba 1979

¹⁹ Flor do Samba- 1979

²⁰ Favela do samba-1979.

²¹ Flor do Samba 1979

²² Flor do samba- 1983- Axé, Xangô, axé.

²³ Flor do Samba- 1980- Daomé.

Assim, no cumé (quarto de segredos) da Casa das Minas estão guardadas as memórias de um povo transportadas da África e ‘*exaltadas ao som do tambor*’ . Nota-se que o papel do tambor matiza sua configuração em relação ao samba anterior, ele serve não só para emanar lamentos, mas também para altear as memórias do povo negro. Inclusive, já adentrando nas crenças e entidades cultuadas nesse terreiro, lá ‘*pra Zomadonu*²⁴ com todo seu panteão/ negro dança a noite inteira/ cantando lamentos de pés no chão’. Aqui, o negro possui dignidade, nobreza, postura, tem um panteão, e portando essas qualidades a ‘*família Davice... impôs sua cultura e tradição*’. O samba ainda revela a mediação que a Casa das Minas realiza entre os conflitos do negro e a sociedade ludovicense, pois acolhe o negro, protege-o e o faz crescer forte para comemorar, nos seus rituais, as glórias de sua etnia e de seus deuses. ‘*Roda saia, preta mina/ o atabaque ecoou/ mostra a beleza e nobreza que o povo ‘fon’ deixou*’.

Por sua vez, a segunda parte da composição ‘*Daomé*’ comporta uma irrupção de personagens negros históricos da cidade sem uma ligação cronológica entre eles. Todavia, como sugere AUGRAS (1998), o samba-enredo situa-se em um passado mitificado, logo a lógica linear tem significado restrito. Os atores sociais negros exaltados possuem características especiais, as negociações e transformações sociais dão-se pelo esforço individual, são feitos biográficos significativos e devem ser lembrados. Assim, *Nega Fulô*²⁵ era feirante do amor /‘negrinho Cosme se fez barão de bem-te-vi /ostentou toda uma raça Catarina Mina/ negros brotaram das raízes do reinado de Abomey/ mãe Andresa²⁶ encheu de amor todo o Qurebentã. Entretanto, não somente os vultos negros são cultuados, cada negro que morre merece um ritual específico ‘*Toca o tambor de choro/ é mais um negro que se vai / morre um negro, nasce outro/ deixa o negro em sua paz*’.

Destaco, por fim, a homenagem da Turma da Mangueira aos seus 50 anos de fundação²⁷. A escola, através de um metassamba, exalta a si mesma e ao bairro onde foi fundada: o João Paulo. O bairro é personalizado e adquire aspectos gerativos, pois foi ‘*berço de samba e tradição da ‘querida’ Mangueira*’, que foi a primeira desse meu torrão... e hoje faz parte da História. É relevante destacar que a agremiação e o samba, nesse verso, são representados como elementos tradicionais da cidade. O samba é visto como o que ‘*levanta poeira*’ e apesar de ser uma festa particular ao enaltecimento do samba, ela é para todos e a escola mesma convida outros segmentos da sociedade para essa celebração ‘*mandei buscar para comemorar cavaquinho e violão/ tambor de crioula e barricas e também o tambor de Nhá Chica/ o tambor de Maximiliana vai participar*’. Vale ressaltar que para esse evento social da cidade há uma superação da divisão entre o sagrado/tambor e o profano/samba. Sagrado e profano se conjugam para ambos fazerem *o povo em festa cortar o bolo que o tempo confeitou*’.

Deste modo, conforme afirma CAVALCANTI (1999), o samba-enredo mantém estreita relação com a análise sociológica porque é uma estratégia de pensar e debater com a realidade pela qual o pesquisador se interessa. No caso de São Luís, procurei enfatizar como essas letras examinadas autorizam iniciar ou aprofundar conhecimentos de ordem antropológica sobre o universo cultural ludovicense. Embora, em um período não distante, tenham sido consideradas ‘imitações’ do Rio de Janeiro, as escolas de samba, através de seus versos, contribuíram e contribuem para que a cidade, esse ente mitificado e multifacetado, se mire no espelho e converse consigo mesma. Todavia, o diálogo com a cidade continua, outros aspectos precisam ser depurados, mas para isso é preciso que haja sempre ‘*reco-reco e caçarola para tocar*’.²⁸,

²⁴ Chefe da família real ou de Davice, entidade vodum dono da Casa das Minas

²⁵ O nome Flor do Samba é em homenagem à Nega Fulô.

²⁶ Famosa chefe da Casa das Minas que a dirigiu entre 1915 e 1954.

²⁷ Turma da Mangueira- 1979. Bodas de Ouro.

²⁸ Turma do Quinto- 1985. Poema Sujo- tributo a Ferreira Gullar.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AMARAL, Rita. **Festa à brasileira** - sentidos do festejar no país que não é sério. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP,1998.
- ARAUJO, Eugênio. **Não deixa o samba morrer**: um estudo histórico e etnográfico sobre o carnaval de São Luís e a escola Favela do Samba. São Luís; UFMA/PREXAE/DAC., 2001.
- AUGRAS, Monique. **O Brasil do samba-enredo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas,1998.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval Carioca**: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O rito e o tempo**: ensaios sobre o Carnaval. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1999.
- FERRETTI, Sérgio. FERRETTI, Mundicarmo. **Transe nas religiões afro-brasileiras do Maranhão**. Revista de Pesquisa/ Pró-Reitoria de Pesquisa e Desenvolvimento tecnológico da UFMA. São Luis: EDUFMA,1999.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de janeiro: Guanabara, 1989

DISCOGRAFIA

- Carnaval do Maranhão século XX: sambas-enredo.** Realização: O Estado do maranhão; Mirante discos. Patrocínio: Prefeitura de São Luis.

Página 08 e 09

João da Mata – rei caboclo e profeta de Cristo²⁹

*Mundicarmo Ferretti**

Tem havido muita discussão a respeito do sincretismo entre catolicismo e religião afro-brasileira ou das relações entre as entidades espirituais cultuadas nas religiões afro-brasileiras e os santos católicos. Uma das questões levantadas diz respeito à existência ou não de separação entre elas nos planos mitológico e ritual. Enquanto para alguns autores e alguns devotos só há sincretismo quando entidades cultuadas nas religiões afro-brasileiras e santos católicos se confundem, para outros qualquer relação estabelecida entre aquelas entidades e os santos é sincretismo (FERRETTI, S. 1995).

A literatura sobre o Tambor de Mina do Maranhão, desde Nunes Pereira (1979), baseada principalmente na Casa das Minas (jeje), terreiro de São Luís fundado por africanos, no século XIX, fala da não-identificação de voduns com santos católicos. Mostra, no entanto, a existência, ali, de uma relação entre aquelas entidades africanas e o santo católico: Averequete com São Benedito, Sobô com Santa Bárbara, Doçu com São Jorge, Acossi com São Lazaro... Embora não se confunda naquela Casa vodum com santo, se diz, por exemplo, que Averequete é devoto de São Benedito (FERRETTI, S. 1996). Um exame mais apurado da questão na Casa das Minas mostra a existência ali de uma exceção: na Casa das Minas Jesus Cristo é o filho de Deus, nascido da Virgem Maria, e é também um vodum superior – Évovodum-, a quem todos os outros são subordinados ou que coordena as suas ações na Terra.

²⁹ Agradecemos a Roza Santos, da Comissão Maranhense de Folclore e irmã de Mãe Mariinha (Angelim – SL-MA), pelas contribuições recebidas.

* Antropóloga.

Em transe, as vodunsis falam dele com grande freqüência e não raramente abençoam os amigos, dizendo: “Evô-vodum-Jesus te proteja”...

Analizando a mesma relação em terreiros mais novos, onde além de entidades africanas são cultuados outros encantados, nos deparamos com casos em que o encantado é ou parece ser o mesmo santo católico. Um dos exemplos mais conhecidos é o de João da Mata, entidade também denominada Rei da Bandeira, Caboclo da Bandeira ou Rei da Boa Esperança (OLIVEIRA, 1989, p.44), que, embora conhecido em alguns terreiros como devoto de São João Batista, em outros parece se confundir com ele, como pode ser constatado no segundo verso de uma ou duas versões de uma de suas doutrinas cantada em diversos terreiros do Maranhão e do Pará:

“Eu sou Caboclo da Bandeira, João da Mata falado,
Sou protetor dos pobres, por Jesus abençoado”
(Terreiro de Mãe Mariinha – Angelim – São Luís/MA)

“Eu sou Caboclo da Bandeira, João da Mata falada,
Sou profeta de Cristo, onde fui batizado”
(FERREIRA, 1985, p. 52)

“Ele é Caboclo da Bandeira, João da Mata falado,
É profeta dos homens, por Jesus abençoado”
(Belém – CD: *Ponto de santo*)

“Eu sou Caboclo da Bandeira, João da Mata falada,
Na presença de Cristo, aonde eu fui batizado”
(Praia dos Lençóis-MA – CD: *Lenda do Rei Sebastião*)

“Sou Caboclo da Bandeira, João da Mata falado,
Sou profeta de Cristo, por Jesus batizado”³⁰

Embora a última versão seja a única em que aparece claramente a identificação do encantado com o santo, essa relação parece sugerida na segunda versão apresentada. Na última Bandeira e João Batista são a mesma entidade e veio antes de Jesus, profetizando a sua vinda, e, depois de batizá-lo, foi batizado por ele (no rio Jordão). Como aparece naquela versão da doutrina, o encantado João da Mata é o santo e não um devoto dele. Desse modo, a relação estabelecida entre eles é diferente da encontrada na Casa das Minas entre Averequete e São Benedito e se aproxima da estabelecida ali entre Êvo-vodum e Jesus, apesar desse não ser recebido em transe mediúnico e de João da Mata ser recebido no Maranhão em muitos terreiros de Mina, Umbanda, Terecô e de Curador.

O caso de Rei da Bandeira nos encoraja a indagar sobre a existência de outros em que voduns ou encantados podem ser confundidos com santos católicos. Essa pergunta é mais difícil de responder em relação à Casa das Minas, pois não podemos comparar, ali, o discurso das vodunsis com as letras das doutrinas cantadas em rituais, uma vez que elas são cantadas em língua fon (africana) e, de acordo com as normas da Casa, não devem ser traduzidas. Mas, comparando o discurso de pais e filhos-de-santo a respeito das relações entre vodum, encantados e santos com o que se diz dessa relação nas letras das músicas cantadas nos rituais realizados em sua homenagem e na mitologia do Tambor de Mina, pode-se concluir que o caso de João da Mata não é a única exceção.

Nos terreiros “da mata” ou onde o número de entidades espirituais não africanas é maior e as músicas cantadas em português são mais freqüentes, existe pelo menos uma entidade que se confunde com um santo católico: Bárbara Soeira (ou Maria Barba Soera).

³⁰ Recolhida em terreiro de São Luís. Não sabemos se era a versão oficial da Casa ou apenas a de um dos filhos-de-santo que participava do ritual quando a música foi por nós registrada.

Apesar dessa entidade ser considerada por muitos o vodum Sobô em terreiros “da mata” ou de caboclo, é, às vezes, apresentada como a mesma Santa Bárbara, que na Casa das Minas não se confunde com Sobô. A identidade entre a Maria Bárbara ou Barba Soeira e aquela santa aparece mais claramente na mitologia (FERRETTI, M. 2002). Como Santa Bárbara, Barba Soera foi presa em uma torre pelo pai e é associada à tempestade.

Voltando a João da Mata/Rei da Bandeira, gostaríamos de ressaltar que, apesar dele aparecer em algumas doutrinas como o mesmo João Batista - festejado no dia 24 de junho -, costuma ser homenageado nos terreiros maranhenses no dia 19 de novembro (dia da Bandeira) ou 8 de fevereiro (?). Mas é bom lembrar que a identificação de João da Mata com São João Batista – profeta reconhecido oficialmente pela Igreja como santo -, é muito importante para a legitimação da religião afro-brasileira, estigmatizada e muito perseguida no passado, entre outras coisas, pela atividade profética de seus sacerdotes, como se pode constatar no caso de Amélia Rosa, cognominada “Rainha da pajelança” - negra alforriada que foi presa em São Luís, no ano de 1876, acusada de exercer a função de adivinha, fundar uma religião de negros e de receber em sua casa pessoas em busca de felicidade, fortuna e saúde (FERRETTI, M. 2004).

Rei da Bandeira/João Batista – profeta e rei caboclo – possui também dois atributos muito importantes na afirmação de identidade de comunidades de terreiro: é rei (tem nobreza), da mata (fora dos domínios dos senhores – dos voduns e fidalgos?), é profeta do povo reconhecido pela Igreja (como santo). Assim sendo, afirma uma nobreza (dignidade) enraizada em uma sociedade não hegemônica (cabocla) e legitima a função profética pela qual pajés e sacerdotes afro-brasileiros foram estigmatizados e perseguidos.

Mas, como é sugerido em outros versos da já citada doutrina de João da Mata, ele é encantado na pedra de Itacolomy, no golfão maranhense, próximo a Alcântara.

Eu sou Caboclo da Bandeira da folha do ariri,

Eu sou Caboclo da Bandeira, pedra Itacolomy.

(Praia dos Lençóis-MA – CD: *Lenda do Rei Sebastião*)

Eu icei minha bandeira na folha do ariri,

Sou Caboclo da Bandeira, filho do rei de Itacolomy.

(Terreiro de Mãe Mariinha – Angelim – São Luís/MA)

Ele mandou içar bandeira na barra do Arari,

Ele é Caboclo da Bandeira, pedra de Itacoromim.

(Belém – CD: *Ponto de santo*)

E, sendo da pedra de Itacolomy, Caboclo da Bandeira é “da Mata” (João da Mata), mas pertence à linha da água salgada e considerado por alguns pais-de-santo um Xangô (orixá dono da pedreira). Como foi explicado pelo pai-de-santo Leopoldo Nunes Neto (São Luís), em texto lido em 1998, na abertura da festa realizada em sua homenagem, João da Mata é Xangô Agodô. No terreiro de Mãe Mariinha (Angelim - SL) ele é “um senhor calmo, reservado, que sempre gostou de orientar os outros e que vem apenas cumprir uma missão”.

REFERÊNCIAS

Livros

NUNES PEREIRA, Manoel. *A Casa das Minas*: contribuição ao estudo das sobrevivências do culto dos voduns do panteão daomeano no Estado do Maranhão. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

FERREIRA, Euclides. *Orixás e voduns em cânticos associados*. São Luís: Grafica Editora Alcântara, 1985.

FERRETTI, Mundicarmo. *Maranhão encantado*. São Luís: UEMA Edições, 2002.

- (org.). *Pajelança do Maranhão no século XIX: o processo de Amélia Rosa*. São Luís: CMF; FAPEMA, 2004.
- FERRETTI, Sergio. *Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas*. São Luís: EDUFMA, 1996.
- . *Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo: EDUFMA; São Luís: FAPEMA, 1995.
- OLIVEIRA, Jorge. *Orixás e voduns nos terreiros de Mina*. São Luís: VCR, 1989.

Discos: CDs

- A *Lenda do Rei Sebastião*. Roberto Machado e Paulo Baiano. RecPlay/Tempo. Registro Sonoro do Maranhão. 1999.
- Ponto de Santo*. Disco 2 (Caboclos e Encantarias da Amazônia). Belém: SECULT. A musica do Pará, v.8. 2004 (?). (Pesquisa e texto de Anaiza Vergolino – antropóloga).

Página 10

Janela do Tempo

Espaço reservado para Re-edição de pequenos artigos, comentários, ditos populares, superstições e contos recolhidos por pesquisadores/folcloristas maranhenses.

Medicina Folclórica

*Domingos Vieira Filho**

A doença sempre levou o homem, presa do desespêro, a buscar todas as formas possível e inimagináveis de remédios para expulsá-la do corpo ou da alma. O estudo dos chamados processos de medicina mágica através dos tempos nos apresenta um ror intérmino de procedimentos de cura que hoje, à luz dos conhecimentos da moderna e avançada ciência médica, nos parecem estúpidos, irracionais, sobretudo ilógicos, frutos sazonados da ramalhuda árvore das supertições e credices.

Curandeiros, pagés, feiticeiros, mandingueiros, shamans, magros, seja qual for o nome que ostentem, êsses seres estranhos e misteriosos ainda hoje são olhados com temor e respeito pelos que sofrem. E nem se diga que a conotação só é valida para os povos ditos primitivos ou para as camadas menos esclarecidas de uma sociedade. Charlatões quase sempre, ou scrocs como os classificava Tardieu, êles inculcam poderes sobrenaturais, dialogam com os deuses do mal, que criam e disseminam as dores do mundo e por isso sabem, o que é importante, de muitos meios mágicos e simpatéticos de cura.

Em “A medicina dos Deuses” Oscar Fontenelle arrola inumeros processos medicos usados na civilização egipcia, os quais quase sempre misturavam magia com religião. Sir George James Frazer em “La Rama Dorada” (México, 1956, trad. Espanhola) estudou com densa erudição, através de vários povos civilizados e primitivos, milhares de práticas médicas rituais, tabus, simpatias, ritos propiciatórios, expulsão mágica de males corporais e animicos.

Nossos índios ingerindo as pussangas ministradas pelos payés (pagés) e se submetendo a uma série de práticas ritualísticas, furnigações, exorcismos, etc, para conjurar os males que os afligiam, não faziam mais do que repetir, na imemorialidade dos séculos, velhas usanças de medicina mágica. O feitiço de resto ou de componente que Herbert Baldus surpreendeu entre os silvícolas brasileiros era prática conhecida na noite dos tempos.

* Publicado no Jornal do Dia, na edição de 30 de abril de 1972, em São Luís.

A medicina erudita cresce, se especializa, se alarga meritoriamente, circunscreve doenças dizimadoras do homem, melhora a nosologia da terra, mas não consegue eliminar a sua concorrente paralela, a medicina de folc, êsse complexo espantoso de artes curativas e premunitórias que resiste a tudo com singular vitalidade. Vem a civilização com seus esmaltes tênuas ou o verniz espesso de forte sedimentação cultural e nada disso diminui a influência da medicina de folc.

Para conjurar um mal, ou atalhar uma doença o povo se socorre de tudo: os excretos humanos e animais, as unhas e os cabelos, as roupas usadas, minerais e animais e o reino vegetal, fonte máxima inesgotável de quantas beberagens e meizinhas existam por aí. Sem falar nas benzeduras, nos ensalmos e orações milagrosas.

Entre nós, por exemplo, para curar asma o povo usa chá de excremento de carneiro. Para a otite, excremento de papagaio igualmente usado para a cura da asma. Para o dordolho é tomar chá de fezes de coelho. O furúnculo cura-se com cera de ouvido ou esfregando-se na parte afetada um embuá vivo. A izipra (erisipela) deixará de atormentar o paciente se ele usar uma castanha de caju no bolso da calça. Na policiada Inglaterra é costume, para curar a dor ciática, usar o doente uma batata inglesa no bolso da calça. O leite casado, isto é, da mãe e da filha, é remédio ideal para curar a embriaguês.

Em nossas pesquisas colhemos um vasto material no capítulo da medicina de folc. Receitas, crendices, superstições, todo êsse mundo fantástico da medicina mágica que anda disperso pelo mundo e que pretendemos publicar no dia em que Deus der bom tempo e tivermos dinheiro para custear a edição.

“Siá Rita Mêdêro”

*Domingos Vieira Filho**

O Maranhão não é muito fértil em cantadores como o nordeste seco, agreste, bárbaro. A fama, entretanto, aureola o nome de uma mulher lendária que encheu os sertões de minha terra de admiração e respeito pelo seu talento de improvisadora. Fama que se alastrou rápida pelos chapadões e caatingas do Piauí e Ceará, na evocação de proezas mirificas, de golpes de astúcia, de fatos quase sobrenaturais. Trata-se de *Siá Rita Mêdêro*, cuja vida decorre entre a ficção e a realidade.

Almeida Rodrigues em um artigo para a “Ilustração Brasileira” (Rio, 1926), aventa a hipótese de Rita haver nascido em Caxias, ou em S. José dos Matões, aí pela segunda metade do século passado. Nos versos dos cantadores que celebraram suas proezas Siá Rita ora surge nascendo no Codó, Maranhão, ora no Ipú, graças a estes versos famosos que correram mundo.

*Sá Rita Medeira
Lá do Ipú,
Pega boi na carrera,
E no chouto pega nambú*

No depoimento de um contemporâneo, Alarico da Cunha, Siá Rita viveu em Bonito, logarejo de Caxias. Em muitos versos se faz a alusão constante a isso:

Siá Rita Medeira

* Publicado no Jornal do Dia, em São Luís – MA.

*De lá de Caxia,
Cabôca faceira
Bonita, vadia,
Na dansa – veleira,
Na prosa – alegria,
Cantando a ligeira,
Siá Rita Medeira,
De lá de Caxia.*

Para uns era *Rita Mêdêro ou Mêdéra*, para outros *Rita Medeiras*, conforme as exigências de rima dos cantadores. O que importa, porém, é que o nome dessa mulher inteligente, viva, sagaz, se perpetuou na memória dos sertões por quase meio século, enchendo de alegria com seus repentes, suas insolências as asperidões sertanejas, do Maranhão ao Ceará.

“Repentista exímia, assevera Almeida Rodrigues, nunca recantava seus versos, que seus melhores admiradores se esforçavam por decorar. Eram, muitas vezes, ligeiros poemas, em várias métricas, e sempre exuberantes de graça bucólica.

Leonardo Mota em “Sertão Alegre” (Belo Horizonte, 1928) afirma que Siá Rita era pornográfica e dada a estúrdias com outros cantadores boêmios. “ Tinha um ritmo especial, comenta o Leota, mui aligeirado os agalopado e formava sempre estrofes de mais de dez versos. Pena que de Rita Medeiros a tradição oral só conserve a lembrança do viver boêmio e a toada musical de seu cantar. Versos por ela compostos ninguém os repete”.

A fama de *Rita Mêdêra* se cristalizou em um sem número de romances e cantigas que Almeida Rodrigues e Leonardo da Mota recolheram da tradição oral e transcreveram respectivamente, em “Rimas Cabôcas” e “Sertão Alegre” e “Cantadores”. E Jerônimo de Viveiros dedicou-lhe pequeno artigo de jornal na série intitulada “O Maranhão em 1800”, estampada no Jornal do Dia, de São Luís.

Da coragem e de certos dons diabólicos atribuídos à famosa rapsoda sertaneja e que atemorizavam o rústico porque ela parecia mais a figura de um demônio quando improvisava torrencialmente dizem bem os milhares de versos de cantadores que foram ouvidos nas fazendas e povoados, nos campos agrestes dos sertões de uma vasta área nordestina.

Leonardo Mota em “ Cantadores” recolheu dos lábios do famoso cantador Anselmo Vieira, entre outras, estas estrofes sobre Siá Rita Mêdero

*“ Sá Rita Mêdêro
É muié do Vicente,
Ela comeu trinta boi,
Ficou palitando os dente,
Quando acabou disto tudo:
- “ Quero comê seu Vicente ”
- “ Vá-se , embora esgalopada.
Que não tem quem lhe agüente.
Vá-se embora p’r’os inferno
Que não tem quem lhe sustente!”*

A Comissão Goiana de Folclore, em conjunto com as demais Comissões Estaduais de Folclore realizou, no período de 19 a 22 de outubro de 2004, em Goiânia (GO), o 11º Congresso Brasileiro de Folclore. O Congresso reuniu folcloristas, estudiosos, professores e cientistas sociais de todo o país para discutir as formas e meios de se renovar e sistematizar a Metodologia de Pesquisa em Folclore e bem como a socialização das preocupações quanto à Preservação dos Bens da Cultura Imaterial com o incremento do turismo, a espetacularização dos rituais e folguedos, a padronização do artesanato e a ação da indústria cultural e da globalização.

Conferências, mesas-redondas, grupos de trabalho foram espaços para as discussões e análises técnico-científicas de folcloristas, estudiosos, professores e cientistas sociais. As oficinas, cursos e exposições foram atividades paralelas abertas a pessoas de todo o país, aos professores das redes locais de ensino e aos alunos de terceiro grau. As exposições paralelas e as apresentações das manifestações populares de grupos de catireiros, de congos, de berranteiros, de humoristas, de dançarinos, cantores, músicos e mambembes fizeram parte do momento lúdico do Congresso, que teve como locais de realização as instalações da Faculdade Cambury, o Instituto Histórico e Geográfico e um laboratório da Universidade Federal de Goiás.

O professor Carlos Rodrigues Brandão, estudioso de cultura popular, com vários livros publicados, fez a abertura oficial do congresso, na noite do dia 19, com a conferência “Importância da Cultura Popular - Carta ao Povo Brasileiro”, no Teatro Cambury. Nos três dias que seguiram às discussões, debates e propostas tiveram como eixos temáticos a Metodologia de Pesquisa em Folclore e a Preservação dos Bens da Cultura Imaterial.

Durante o evento, vários livros foram lançados dentre os quais os Anais do 10º Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em São Luis, em 2002.

A presença da Comissão Maranhense de Folclore foi marcada pela participação de Dona Zelinda Lima como debatedora na conferência “Patrimônio Imaterial: culinária”; de Mundicarmo Ferretti na conferência “Perspectivas de Pesquisa em Folclore; de Sergio Ferretti e na mesa-redonda “Medicina Popular”. Apresentaram comunicações em Grupos de Trabalho: Carlos de Lima, GT-Oralidade e Transmissão do Saber; Deborah Baesse, GT-Folclore nas Práticas Pedagógicas; Margareth Figueiredo, GT-Patrimônio Imaterial; e Roza Santos GT-Música e Cultura Popular.

Além dos professores Mundicarmo e Sergio Ferretti, a UFMA foi representada por mais dois professores: Norton Correa e Izabel Mota Costa que participaram da mesa-redonda “Metodologia de Pesquisa em Folclore e Educação”.

Encerrando dos trabalhos do 11º Congresso Brasileiro de Folclore, realizaram-se a Assembléia Eleitoral: eleição e posse da Diretoria e Conselho, ocasião em que foi eleita e empossada a professora Rose Marie Agrifolio para presidente da Comissão Nacional de Folclore, que, por se encontrar doente, foi representada pela filha. Ficou decidido que a escolha da sede do Seminário de 2005 será feita pela presidente e que o 12º Congresso, em 2006, terá como sede a cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, com justas homenagens a Luís Câmara Cascudo.

Finalizando esta matéria, registramos, com pesar, a morte da professora Rose Marie Agrifoglio, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, recém eleita presidente da Comissão Nacional de Folclore, ocorrido dia 07 de dezembro de 2004.

Luz Natal 2004: um próspero e feliz Maranhão

O governo do estado do Maranhão, através da Secretaria de Estado da Cultura, sob a coordenação do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, realiza durante o mês de dezembro, estendendo-se até o mês de janeiro, o Projeto “Luz Natal 2004: um próspero e feliz

Maranhão”, que consta de uma ampla programação que inclui o II Concerto para o Menino, o concurso/exposição Arvoredo VII; a natureza em festa, a exposição Lapinha II: sob a luz do Menino Jesus, a VI Cantata Natalina, o II Serenatal (com o soprano Fernando de Carvalho), uma missa de Natal ao Menino Jesus, Cortejos de grupos de Reis e Pastores de São Luís e do interior do Estado, apresentação de grupos natalinos e espetáculos teatrais em instituições e comunidades de São Luís e a tradicional queimação de palhinhas do presépio do Centro de Cultura Popular, encerando a programação no dia 14 de janeiro.

No próximo dia 06 de janeiro, será comemorado o centenário de nascimento de Dona Lúcia, chefe da Casa de Nagô, o segundo terreiro mais antigo de São Luís. Das comemorações constam uma missa em ação de graças, na Igreja de São Pantaleão, seguida de um café da manhã, no Salão paroquial da mesma igreja. Após o café, está programado o descerramento de uma placa comemorativa, na Casa de Nagô, pela aniversariante.

Página 12

Perfil Popular

Elzita Vieira Martins Coelho

Há exatos 58 anos, Dona Elzita Vieira Martins Coelho, com 70 anos bem contados, organiza o Pastor Estrela do Oriente na sua casa, situada à rua Nossa Senhora da Conceição, 180, no Sacavém. Mais do que uma celebração, a tarefa de Dona Elzita é uma devoção, um ato sagrado que ela cumpre rigorosamente desde que morava com Dona Maria José Costa Leite, no Monte Castelo, e passou a sair de africana no Pastor de Dona Martiniana Tira Couro, no mesmo bairro. “Para mim, o pastor é um ato de devoção que eu cumpro como um ato de fé, de legitimação da história de Jesus”, reforça.

Do papel de africana, que fazia por ser muito bem humorada, passou pelos papéis de matuta, cigana pobre e pastor mestre até chegar ao papel principal do pastor guia, onde iria permanecer por muito tempo. Já com 23 anos, Dona Elzita descobre os seus dons sobrenaturais e passa a fazer parte do Terreiro de Denira Ferreira de Jesus, no bairro de Fátima (antigo Cavaco), onde continua a colocar o Pastor e a brincar de Pastor Mestre e Guia.

Já moça feita, opta por estruturar o seu próprio terreiro Fé em Deus, no bairro do Sacavém, onde há 35 anos organiza não só o Pastor Estrela do Oriente, mas um bumba-meuboi infantil, a Festa do Divino Espírito Santo, junto com a Festa de Santana, o Festejo de Nossa Senhora da Conceição e o Presépio de Natal. O seu grupo de Pastor, considerado um dos três mais tradicionais de São Luís, ao lado do de Dona Lili e Dona Dorinha, é composto por 40 personagens, envolvendo cenas de teatro, música e dança que rememoram o nascimento do Menino Jesus, através da organização de uma romaria que inclui, além dos personagens já citados, a borboleta, a primavera, a pastora mestra, a florista, os galegos e os fidalgos dentre outros.

Mantendo quase intacta a tradição, Dona Elzita, entretanto, reclama por ter de fugir um pouco “do regulamento”. O que ela chama de regulamento era o antigo costume de que só podia brincar o pastor as meninas que fossem virgens, consagradamente virgens pelos pais e intituladas assim pelo comportamento social. “Quando saía uma menina não virgem, o Pastor caía no poço. Era um verdadeiro alvoroço para saber quem tinha feito a brincadeira acabar”. Infelizmente, e para o seu desespero, não dá mais para atestar com tanta veemência tal exigência: “Jesus vai me perdoar se estou fora do regulamento”, diz ela para ressaltar que hoje é tudo misturado, inclusive, unem-se na adoração a Jesus mães e filhas, tias e sobrinhas, irmãs e irmãos, numa celebração mais profana do que demiúrgica.

Mais do que a quebra do costume, Dona Elzita reclama mesmo é da falta de sensibilidade das gerações atuais que não entendem mais o verdadeiro sentido do natal e da falta de uma política cultural que colabore para a sobrevivência de brincadeiras como a sua. À exceção do Centro de Cultura Popular, que colabora com uma certa quantia para a organização do Pastor, todo o financiamento da manifestação é por conta do pequeno e modesto salário que recebe mensalmente. “O resto é feito com a colaboração da comunidade que me ajuda com o que pode”, finaliza.

(Encarte)

A Comissão Maranhense de Folclore publica neste número de seu boletim o **Sumário dos Boletins**, do número 01 ao número 30, por assunto como uma forma de dotar nossos leitores de uma visão geral dos temas abordados por esta publicação.

Assunto: Bumba-meу-boi

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	O Boi de Parintins	02	Agosto/94	Carlos de Lima
02	Boi de Zabumba	05	Junho/96	Carlos de Lima
03	Estórias e significações do auto do Boi	05	Junho/96	Socorro Araújo
04	Boi encantado na Mina do Maranhão	05	Junho/96	Sérgio Ferretti
05	As mulheres no Bumba-boi	05	Junho/96	Michol Carvalho
06	Vivo vivendo, forte e crescendo	06	Dezembro/96	Socorro Araújo
07	A participação feminina no Bumba-meу-boi	10	Junho/98	Luzandra Diniz
08	Batalhão de ouro, maracá de prata	10	Junho/98	Joila Moraes
09	Universo do Bumba-meу-boi	11	Agosto/98	Carlos de Lima
10	Cadê o bumba-boi de Alcântara	11	Agosto/98	Eliane Lily Vieira e João Lopes
11	O Boi de Nicolau e a passagem do fogo	13	Junho/99	Carlos de Lima
12	Cazumbá, máscaras e voduns: símbolos do nosso patrimônio ancestral	13	Junho/99	Bráulio Ayres
13	O Boi das torcedoras	17	Agosto/00	Luzandra Diniz
14	O Bumba-meу-boi de Cururupu	17	Agosto/00	Gustavo Pacheco
15	A passagem da casa para a rua: o ritual do batismo no bumba-meу-boi	17	Agosto/00	Abmalena Santos
16	Tradição e modernidade no Bumba-meу-boi	17	Agosto/00	Ester Marques
17	O Bumba-meу-boi do Maranhão: apreciação analítica	17	Agosto/00	Maria Laura Cavalcanti
18	O Bumba-meу-boi articulando passado e presente	17	Agosto/00	Michol Carvalho
19	O Bumba-meу-boi e o turismo no Maranhão	17	Agosto/00	Socorro Araújo
20	Contribuição ao debate sobre Bumba-meу-boi	17	Agosto/00	Carlos de Lima
21	O lugar da memória no Bumba-meу-boi	17	Agosto/00	Isanda Canjão
22	Recordando o passado, planejando o futuro: notícia sobre rodas de conversa com grupos de bumba-meу-boi	19	Junho/01	Arinaldo Sousa
23	Os Bois entre aspas	20	Agosto/01	Carlos de Lima

24	Quando os Bois se encontram	20	Agosto/01	Michol Carvalho
25	O ritual de morte do Bumba-meu-boi	20	Agosto/01	Joila Moraes
26	Para falar de sotaque de bumba-meu-boi	21	Dezembro/01	Arinaldo Sousa
27	O Bumba-meu-boi e seu simulacro	21	Dezembro/01	Adriano Sousa
28	Apresentando o Bumba-meu-boi do Maranhão	25	Junho/03	Carlos de Lima
29	Boi de Cofo	25	Junho/02	Zelinda Lima
30	Os produtores intelectuais do bumba-meu-boi	26	Agosto/03	Arinaldo Martins
31	É de fé e devoção o brinquedo da ilha: a religiosidade no bumba-meu-boi	26	Agosto/03	Abmalena Santos
32	O bumba-meu-boi como o conheci – 1ª parte	28	Junho/04	Zelinda Lima
33	As “cenas enunciativas” das toadas dos sotaques de zabumba, de matraca e de orquestra do bumba-meu-boi do Maranhão	29	Agosto/04	Deline Assunção
34	O bumba-meu-boi como o conheci – 2ª parte	29	Agosto/04	Zelinda Lima
35	“Tudo que tem começo tem fim”: a festa de morte do bumba-meu-boi em São Luís	29	Agosto/04	Abmalena Santos
36	O caráter suntuário da morte do Boi da Maioba	30	Dezembro/04	Isanda Canjão
37	Bumba-meu-boi em São Luís: massas, palco e estratificação no São João de 2004	30	Dezembro/04	Bruno Bezerra

Assunto: Festejos juninos

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	O São João maranhense	02	Agosto/94	Michol Carvalho
02	Festas juninas: os santos padroeiros	05	Junho/96	Manoel Marinho e Márcia Mendes
03	Festas juninas em terreiro de Mina	05	Junho/96	Mundicarmo Ferretti
04	Um feriado para São João	05	Junho/96	José Chagas
05	Os santos festeiros de junho	07	Junho/97	Carlos de Lima
06	Folia junina maranhense	11	Agosto/98	Michol Carvalho
07	O arraial do povo de Deus e as festas juninas em São Luís	23	Agosto/02	Jacyara de Melo

Assunto: Culto afro-brasileiro

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Dia de Santa Luzia tem baião na Casa Fanti Ashanti	06	Dezembro/96	Mundicarmo Ferretti
	Amelinha: símbolo de resistência daomeana	07	Junho/97	Rosário Santos
02	Plantas e comidas no Terecô de Codó	08	Outubro/97	Mundicarmo Ferretti
03	Nossa Senhora da Conceição na Mina maranhense	09	Dezembro/97	Mundicarmo Ferretti
04	“Barrigudeiras” do Monte Castelo: paixão de mãe Dudu	09	Dezembro/97	Rosário Santos
05	Mãe d’Água: a mãe que leva e traz	10	Junho/98	Mundicarmo Ferretti

06	Cura no terreiro de Mãe Elzita	10	Junho/98	Rosário Santos
07	Maria Bárbara raiou	12	Dezembro/98	Mundicarmo Ferretti
08	Cinzas e Aleluia em terreiro de Mina	13	Junho/99	Mundicarmo Ferretti
09	Mãe Andreza: amor e bondade em forma de mulher	14	Agosto/99	Rosário Santos
10	São Luís e Dom Luís Rei de França: o santo francês-nagô	14	Agosto/99	Roza Santos
11	São Luís e Dom Luís em terreiros da capital maranhense	14	Agosto/99	Mundicarmo Ferretti
12	31 de Dezembro: dia de festa no mar	15	Dezembro/99	Mundicarmo Ferretti
13	Festa de Santa Bárbara e sincretismo	15	Dezembro/99	Sérgio Ferretti
14	Mau olhado e malefício no Tambor de Mina	16	Junho/00	Mundicarmo Ferretti
15	Importância da Casa das Minas do Maranhão	16	Junho/00	Sérgio Ferretti
16	Encantaria maranhense: o encontro do negro, do índio e do branco na cultura afro-brasileira	18	Dezembro/00	Mundicarmo Ferretti
17	Beija-flor e a Casa das Minas	18	Dezembro/00	Sérgio Ferretti
18	Prática religiosa afro-brasileira: trajetória de vida e luta pela afirmação da identidade religiosa	18	Dezembro/00	Danusa Soares
19	Banquete dos Cachorros para São Lázaro	19	Junho/01	Sérgio Ferretti
20	Preto Velho na Umbanda e no Tambor de Mina do Maranhão	19	Junho/01	Mundicarmo Ferretti
21	Tambor de choro: interstício da vida e da morte, rito de separação e agregação no Tambor de Mina do Maranhão	20	Agosto/01	Cleides Amorim
22	O terreiro de Vó Severa	21	Dezembro/01	Rosário Santos
23	Mesa branca e Tambor de Mina	21	Dezembro/01	Marilande Abreu
24	Iemanjá não era a rainha do mar: o culto a Iemanjá no Maranhão	21	Dezembro/01	Mundicarmo Ferretti
25	As religiões afro-brasileiras no Maranhão	22	Junho/02	Mundicarmo Ferretti
26	Toque de índio no Terreiro Uma luz no meu caminho	22	Junho/02	Jacyara de Melo
27	Terreiro do Justino Casa Fé, Esperança e Caridade	22	Junho/02	Marilande Abreu
28	Opressão e resistência na religião afro-brasileira	23	Agosto/02	Mundicarmo Ferretti
29	A vingança de Surrupira	23	Agosto/02	Marilande Abreu
30	Perseguições e preconceitos religiosos no Maranhão	23	Agosto/02	José Antônio Carvalho
31	Religiões afro-brasileiras e saúde: diversidade e semelhanças	25	Junho/03	Mundicarmo Ferretti
32	Jorge Itaci de Oliveira – Jorge Babalaô	26	Agosto/03	Zelinda Lima
33	13 de maio, festa e liberdade	28	Junho/04	Herliton Nunes
34	A dominação feminina em terreiros de Tambor	28	Junho/04	Marilande

	de Mina			Abreu
35	A música no Tambor de Mina	28	Junho/04	Gustavo Pacheco
36	Ritos fúnebres no Maranhão: tambor de choro de Jorge Babalaô	29	Agosto/04	Gerson Lindoso
37	João da Mata: rei caboclo e profeta de Cristo	30	Dezembro/04	Mundicarmo Ferretti

Assunto: Natal

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Os visitantes da hora do galo	06	Dezembro/96	Izaurina Nunes
02	Presépios ontem e hoje	06	Dezembro/96	Nizeth Medeiros
03	Augusto Aranha	06	Dezembro/96	Célia Carvalho
04	Papai Noel existe	09	Dezembro/97	José Chagas
05	O presépio nos terreiros de São Luís	09	Dezembro/97	Sérgio Ferretti
06	O pastor em São Luís	09	Dezembro/97	Izaurina Nunes
07	Cordão de Reis	09	Dezembro/97	Silvana Rayol
08	Galhos de murta, unhas de gato: um ato religioso	13	Junho/99	Luzandra Diniz e Silvana Rayol
09	Comédia religiosa: revivendo o nascimento de Cristo	15	Dezembro/99	Nizeth Medeiros
10	No Caratatiua, meio século de homenagens ao Menino Jesus	15	Dezembro/99	Luzandra Diniz
11	Sapato	15	Dezembro/99	Carlos de Lima
12	O Natal da minha infância	15	Dezembro/99	Zelinda Lima

Assunto: Carnaval

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Carnaval do Maranhão: uma tradição de dois séculos	04	Fevereiro/96	Ananias Alves
02	Antigos carnavais	04	Fevereiro/96	Carlos de Lima
03	Artesanato do Carnaval	04	Fevereiro/96	Zelinda Lima
04	A folia de máscaras	04	Fevereiro/96	Sandra Nascimento
05	Carnaval bacana	04	Fevereiro/96	Josimar Mendes e Manoel Marinho
06	Quarta-feira de Cinzas nos terreiros de Mina: o arrambam	04	Fevereiro/96	Sérgio Ferretti
07	Carnaval é sério como fome	09	Dezembro/97	Jeovah França
08	Nosso primeiro Rei Momo	13	Junho/99	Lopes Bogéa
09	O Zé Pereira	16	Junho/00	Lopes Bogéa
10	Velhos carnavais, velhos foliões	16	Junho/00	Roza Santos
11	Carnaval dos bons tempos	18	Dezembro/00	Carlos de Lima
12	O conflito é pela tradição? Representação do tradicional de sambistas da Escola de Samba Turma do Quinto	25	Junho/02	Robson Pereira

13	O samba passeia em festa por São Luís	30	Dezembro/04	Ronald Ericeira
----	---------------------------------------	----	-------------	-----------------

Assunto: Festa do Divino Espírito Santo

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Os Foliões da Divindade e rezadeiras na cidade de Caxias	02	Agosto/94	Jandir Gonçalves
02	Festa do Divino em São Luís	07	Junho/97	Sérgio Ferretti
03	Festa do Divino no Terreiro das Portas Verdes	11	Agosto/98	Jacira Pavão
04	Os Foliões da Divindade no Cemitério dos Caldeirões	12	Dezembro/98	Jandir Gonçalves e Lenir Oliveira
05	A reconstituição de um império na cidade de Alcântara	13	Junho/99	Izaurina Nunes
06	Personalidades de um rito festivo: as caixearas do Divino Espírito Santo	17	Agosto/00	Cláudia Gouveia
07	I Encontro de Caixearas da região do Munim	19	Junho/01	Michol Carvalho
08	O Divino Espírito santo - 1ª parte	22	Junho/02	Carlos de Lima
09	O Divino Espírito santo - 2ª parte	23	Agosto/02	Carlos de Lima
10	Reportagem-viagem ao Divino Espírito Santo dos Açores	24	Dezembro/02	Carlos de Lima
11	O Divino Espírito Santo	28	Junho/04	Carlos de Lima

Assunto: Tambor de Crioula

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Tambor de Crioula	03	Agosto/95	Sérgio Ferretti e Patrícia Sandler
02	Tambor de Crioula: memória	03	Agosto/95	Carlos de Lima
03	O ritmo do Tambor de Crioula no Maranhão	03	Agosto/95	Rosário Santos
04	Musicalidade no Tambor de Crioula	03	Agosto/95	Patrícia Sandler
05	Pungar e sexualidade	03	Agosto/95	Eliane Pereira
06	Tambor de Crioula no 13 de maio em Codó	10	Junho/98	Sérgio Ferretti
07	Tambor de Crioula no Maranhão: um rito de alegria	26	Agosto/03	Rosário Santos

Assunto: Catolicismo Popular

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Em tempo de ladinhas	10	Junho/98	Nizeth Medeiros
02	Romaria de São Raimundo dos Mulundus	11	Agosto/98	Ana Socorro Braga

03	Festa de São José de Ribamar	11	Agosto/98	Roza Santos
04	A festa de Nossa Senhora do Livramento	12	Dezembro/98	Zelinda Lima
05	Tem rebuçado: as jornadas de São Gonçalo e São Benedito em Boa Vista	13	Junho/99	Jandir Gonçalves e Lenir Oliveira
06	Romaria a São José de Ribamar	20	Agosto/01	Zelinda Lima
07	Festa de São Gonçalo	21	Dezembro/01	Jacyara de Melo
08	Romaria das carroças a Ribamar	27	Dezembro/03	Raimundo Rocha
09	Procissão de Nossa Senhora de Fátima: devação e ritual	29	Agosto/04	Éster Marques e Joaquim Santos

Assunto: Santos

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Santos do mês - Bárbara/Iansã: a senhora dos ventos e das tempestades	06	Dezembro/96	Rosário Santos
02	Santos do mês - Nossa Senhora da Conceição	06	Dezembro/96	Lenir Oliveira
03	Santos do mês – Santa Luzia	06	Dezembro/96	Lenir Oliveira
04	Festas de santo na terra ateniense	28	Junho/04	Evaldo Barros

Assunto: Páscoa

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
	Serração da velha	01	Agosto/93	Carlos de Lima
	Caminhos da Quaresma	07	Junho/97	Lenir Oliveira
	Os passos sacros	07	Junho/97	Nizeth Medeiros
	Queimação do Judas	10	Junho/98	Carlos de Lima

Assunto: Medicina Popular

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Medicina popular: mística e cura na zona rural	08	Outubro/97	Rosário Santos
02	O desenvolvimento da Etnobotânica no estado do Maranhão	08	Outubro/97	Terezinha Rego
03	Garrafadas	08	Outubro/97	Zelinda Lima
04	Erveiros do nosso mercado	08	Outubro/97	Márcia Mendes
05	A importância das ervas no rito afro-brasileiro	08	Outubro/97	Euclides Ferreira
06	Pedra de Força: a função terapêutica da umbanda no Terreiro Mirim Caboclo Ita	18	Dezembro/00	Laura Jane Silva

07	Observações sobre concepções e práticas populares de cura em São Luís	18	Dezembro/00	Madian Pereira
08	Medicina popular: técnica ou crença	18	Dezembro/00	Cleides Amorim
09	A Cura através da pintura	18	Dezembro/00	Ribamar Carvalho

Assunto: Arqueologia

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Machado de pedra no Maranhão	11	Agosto/98	Eliane Leite
02	Grafismos rupestres	12	Dezembro/98	Deusdédit Leite Filho e Eliane Leite
03	Valorização do passado: em busca de tradições remotas	19	Junho/01	Deusdédit Leite Filho
04	Patrimônio edificado e memória arqueológica no Maranhão	25	Junho/03	Deusdédit Leite Filho e Eliane Leite

Assunto: Patrimônio Cultural

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	A samaumeira do Monte Castelo	09	Dezembro/97	Deusdédit Leite Filho
02	Considerações sobre a proteção do patrimônio cultural	14	Agosto/99	Margareth Figueiredo
03	Os herdeiros de Zomadonu: patrimônio e direito cultural	15	Dezembro/99	Raul Lody
04	O tombamento da Casa das Minas	18	Dezembro/00	Deusdédit Leite Filho
05	Seminário sobre o tombamento da Casa das Minas	24	Dezembro/02	Sérgio Ferretti
06	Parecer do membro do Conselho Consultivo do IPHAN, Luiz Phelipe Andrès, sobre o processo número 1464-T-00 de Tombamento da Casa das Minas	24	Dezembro/02	Luiz Phelipe Andrès

Assunto: Cultura Indígena

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	O Muiraquitã	09	Dezembro/97	Eliane Leite e Deusdédit Leite Filho
02	Xamanismo: cura e magia dos índios Kanela-Rankokamekra	19	Junho/01	Rose Panet

Assunto: Artesanato

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	O saber que se tece na renda	12	Dezembro/98	Débora Baesse
02	Cerâmica: perpetuando o nosso saber ancestral	14	Agosto/99	Deusdédit Carneiro

Assunto: Artigos Teóricos

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Folclore e Cultura Popular	11	Agosto/98	Sérgio Ferretti
02	Turismo e suas repercussões socioculturais	12	Dezembro/98	Socorro Araújo
03	A formação da cultura maranhense: algumas reflexões preliminares	14	Agosto/99	Mathias Röhrig Assunção
04	Economia e cultura	16	Junho/00	Reinaldo Barros
05	Maranhão, terra Mandinga	20	Agosto/01	Matthias Röhrig Assunção
06	Folclore no terceiro milênio	21	Dezembro/01	Roberto Benjamim
07	Preservação e sustentabilidade do folclore	22	Junho/02	Socorro Araújo
08	Dialogando sobre o popular e o erudito na cultura	23	Agosto/02	Ester Marques
09	Práticas culturais e cotidiano: folclore, educação e cidadania	23	Agosto/02	Deborah Baesee
10	A coexistência pacífica entre o turismo e a cultura – realidade ou utopia?	26	Agosto/03	Karoliny Carvalho
11	Os arraiais juninos e o turismo em São Luís	26	Agosto/03	Liz Renata Dias e Washington Coelho
12	Mídia e manifestações culturais	27	Dezembro/03	Éster Marques
13	Identidade cultural maranhense na perspectiva da Antropologia	27	Dezembro/03	Sérgio Ferretti

Assunto: Danças

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Cordões de bichos	10	Junho/98	Lenir Oliveira e Jandir Gonçalves
02	Dose dupla: Teté e Felipe	29	Agosto/04	Josimar Silva

Assunto: Artigos Diversos

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Pesquisa sobre a pesca de curral na Ilha de Curupu	08	Outubro/97	Sarney Costa
02	Vídeos sobre Folclore	11	Agosto/98	Izaurina Nunes
03	Estórias de Alcântara: Itamatatiua de Santa	13	Junho/99	Eliane Lily

	Tereza			Vieira
04	As bonecas do Maranhão	16	Junho/00	Carlos de Lima
05	CMF participa do II Seminário Nacional de Ações Integradas	16	Junho/00	Michol Carvalho
06	Valdelino Cécio: poeta, pesquisador e administrador cultural maranhense	18	Dezembro/00	Joila Moraes
07	Ora, Direis	19	Junho/01	Carlos de Lima
08	Pregoeiros de São Luís	19	Junho/01	Silvana rayol
09	A paixão e o teatro de Cecílio Sá	20	Agosto/01	Ester Marques
10	Com defeito de fabricação: Tom Zé e a estética do plágio	21	Dezembro/01	Helen de Sousa
11	Carta de São Pedro aos ludovicenses	23	Agosto/02	Gustavo Pacheco
12	Comédias, comeres e folguedos: relatos de festa popular na Alcântara de 1708	23	Agosto/02	Raimundo Araújo
13	Transcendendo o nacionalismo: a Etnomusicologia no Brasil de hoje	23	Agosto/02	Suzel AnaReily
14	Prêmio Nêgo Chico e o Concurso de Folclore no 10º Congresso Brasileiro de Folclore	24	Dezembro/02	Roza Santos
15	Domingos Vieira Filho: um amante da cultura popular maranhense	25	Junho/03	João Mendonça Cordeiro
16	Sincretismo religioso no Pentecostalismo	25	Junho/03	Jacyara de Melo
17	Reminiscências	27	Dezembro/03	Carlos de Lima
18	Narrativas e investigações de uma experiência em dança	27	Dezembro/03	Júlia Emilia
19	Jamir e Donga	30	Dezembro/04	João Batista Machado

Assunto: Resenha de Livro

	Artigo	Nº do Boletim	Data	Autor
01	A cultura popular e memória	10	Junho/98	Izaurina Nunes
02	Memória de Velhos: a história que o tempo não apagou	12	Dezembro/98	Cida Macedo
03	Memória de Velhos: uma janela aberta no tempo	13	Junho/99	Roza Santos
04	Histórias de Alcântara pela voz de seus personagens	15	Dezembro/99	Izaurina Nunes
05	O caboclo no Tambor de Mina	16	Junho/00	Mundicarmo Ferretti
06	Descobrindo e/ou redescobrindo o Bumba-meboi	17	Agosto/00	Michol Carvalho

Assunto: Janela do Tempo (coluna)

	Perfil	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Nhá Rita Médêro	30	Dezembro/04	Domingos Vieira Filho
02	Medicina Folclórica	30	Dezembro/04	Domingos Vieira Filho

Assunto: Perfil Popular

	Perfil	Nº do Boletim	Data	Autor
01	Cristóvão Colombo	04	Fevereiro/96	Márcia Mendes
02	Laurentino: o positivo	05	Junho/96	Carlos de Lima
03	Epifânia Ribeiro	06	Dezembro/96	Manoel Marinho
04	João de Chica e Calça Curta	07	Junho/97	Manoel Marinho
05	João Cordeiro de Sousa (Conterrâneo)	08	Outubro/97	Manoel Marinho
06	Dona Lili	09	Dezembro/97	Izaurina Nunes
07	Dona Nilza do Goiabal	10	Junho/98	Josimar Mendes
08	José João das Portas Verdes	11	Agosto/98	Jacira Pavão
09	Dilu Melo	12	Dezembro/98	Izaurina Nunes e Luzandra Diniz
10	Maria Celeste Santos	13	Junho/99	Sérgio Ferretti
11	Raimundo Chagas Costa Leite	14	Agosto/99	Eliane Lily Vieira
12	Denir Prata Jardim	15	Dezembro/99	Rosário Santos
13	Augusto Aranha	16	Junho/00	Lenir Oliveira
14	Lúcia Maria de Jesus Silva	17	Agosto/00	Rosário Santos
15	Raimunda Sousa Santos	18	Dezembro/00	Adriano Carvalho
16	Padre Haroldo Passos Cordeiro	19	Junho/01	Joila Moraes
17	José Cupertino	20	Agosto/01	Mundicarmo Ferretti e Rosário Santos
18	Francisco Naiva	21	Dezembro/01	Márcia Mendes
19	Nhozinho	22	Junho/02	Zelinda Lima
20	Dona Roxinha	23	Agosto/02	Mundicarmo Ferretti
21	Dona Enedina	24	Dezembro/02	Mundicarmo Ferretti
22	Humberto do Maracanã	25	Junho/02	Márcia Mendes
23	Perfil Popular – Jorge Itaci	26	Agosto/03	Mundicarmo Ferretti
24	Antônio Vieira	27	Dezembro/03	Josimar Silva
25	Dona Zuquinha	28	Junho/04	Elisene Matos
26	Leonardo Martins dos Santos	29	Agosto/04	Carlos de Lima
27	Elzita Vieira Martins Coelho	30	Dezembro/04	Éster Marques